



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO E LETRAS
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS



MARIA SIMARA DE AGUIAR

**O conhecimento da história local como recurso para o letramento literário:
LEOCÁDIA – história de uma menina, retrato de uma época**

Montes Claros – MG

Março – 2021

MARIA SIMARA DE AGUIAR

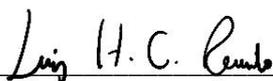
**O conhecimento da história local como recurso para o letramento literário:
LEOCÁDIA – história de uma menina, retrato de uma época**

Dissertação de mestrado apresentada ao programa de Mestrado Profissional em Letras da Universidade Estadual de Montes Claros, como requisito à obtenção do título de mestre.

Linha de pesquisa: Estudos literários

Orientador: Professor Dr. Luiz Henrique Carvalho Penido

Dissertação liberada em 26/05/2021.



Prof. Dr. Luiz Henrique Carvalho Penido

Unimontes

Montes Claros – MG

Março – 2021

Aguiar, Maria Simara de.

A282c O conhecimento da história local como recurso para o letramento literário
[manuscrito]: *Leocádia* – história de uma menina, retrato de uma época / Maria
Simara de Aguiar. – Montes Claros, 2021.

113 f. : il.

Bibliografia: f. 57-60.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Montes Claros -
Unimontes, Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras/
Profletras, 2021.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Henrique Carvalho Penido.

1. Literatura e história. 2. Resgate da memória. 3. Leitura por prazer. 4.
Guimarães, Elísio Cardoso – *Leocádia* – Romance histórico. I. Penido, Luiz
Henrique Carvalho. II. Universidade Estadual de Montes Claros. III. Título. IV.
Título: *Leocádia* – história de uma menina, retrato de uma época.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por guiar os meus passos em todos os momentos.

Aos meus pais, que me criaram e educaram com muito sacrifício, errando muitas vezes, mas com a intenção de acertar. Obrigada por terem me mostrado o caminho que deveria seguir.

Ao meu esposo Ronaldo, que marca sua presença por onde passa, de forma inesquecível e insubstituível, por ser meu amigo e companheiro em todas os momentos.

Ao professor Luiz Penido, meu orientador, pelo apoio e pelas ricas orientações.

À Universidade Estadual de Montes Claros e ao Profletras pela oferta do curso de mestrado.

À colega Neiva de Cássia Leão, que me presenteou com seu exemplar do romance Leocádia, ao saber que não consegui encontrá-lo para compra.

Às colegas e amigas Dulce, Heydhirena, Ana e Leila, que “seguravam as pontas” na direção do CETEP em minha ausência.

À minha irmã Ângela, que dividiu comigo todos os momentos durante esses dois anos de estudo (as madrugadas na rodoviária, muitas horas na estrada, noites nos ônibus e quartos de hotel).

Aos colegas da 6ª turma do PROFLETRAS/UNIMONTES pela companhia nesta caminhada.

Aos alunos e professores da Rede Municipal de Educação de Caetité – BA.

Sou imensamente grata a todos (as) que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização desta pesquisa.

“A história humana não se desenrola apenas nos campos de batalha e nos gabinetes presidenciais. Ela se desenrola também nos quintais entre plantas e galinhas, nas ruas de subúrbios, nas casas de jogos, nos prostíbulos, nos colégios, nas usinas, nos namoros de esquinas” (Ferreira Gullar – Toda Poesia, 2000).

RESUMO

A literatura e a história sempre se mantiveram bastante próximas. Apesar de cada uma demarcar bem o seu campo de atuação, elas são interdependentes, ou seja, não dá para se falar em literatura sem levar em consideração o momento histórico em que determinada obra foi produzida, como também a época e o estilo de vida que ela representa. Com a história não é diferente, pois são feitos diálogos constantes com a literatura. O presente trabalho pretende partir do romance *Leocádia*, de Elísio Cardoso Guimarães, uma obra que é, na verdade, o registro de uma narrativa oral, resgatada da memória dos antigos guanambienses, a qual retrata os costumes da sociedade do final do século XIX, período em que os grandes latifundiários eram mais que patrões de seus pobres agregados e ex-escravos: eles eram seus “donos” e seus “senhores”. Nessa atmosfera de poder, na qual prevalecia a lei do mais forte, começou a se formar a vila Beija-flor, atualmente município de Guanambi-BA. Dessa forma, pretendemos partir do que, de algum modo, já é parte das vivências dos estudantes locais a fim de mostrar-lhes que a literatura é viva e está presente no cotidiano das pessoas. Então, a partir desse romance histórico, pretendemos despertar o gosto/prazer pela leitura para, em seguida, apresentar outras obras para leitura, com o intuito de oportunizar/proporcionar o letramento literário. Com esse propósito, a pesquisa adotou, como embasamento, estudos acerca de leitura, letramento e literatura de teóricos como Antoine Compagnon (1999), Antonio Candido (2012), Marisa Lajolo (1993), Regina Zilberman (2008) e Rildo Cosson (2007). A fundamentação sobre história, memória e esquecimento está pautada nos estudos de Jacques Le Goff (1990), Paul Ricoeur (2007) e Yves Reuter (1996), já a discussão sobre o surgimento e a importância do romance histórico apoia-se em György Lukács (2011).

PALAVRAS-CHAVE: Literatura e história. Resgate da memória. Leitura por prazer.

ABSTRACT

Literature and History have always remained very close. Although each one clearly demarcates its field of action, they are interdependent, that is, you can't talk about literature without taking into account the historical moment when a particular work was produced, as well as the time and lifestyle that this work represents. With history is no different, because constant dialogues are done with the literature. This research intends to start from the novel *Leocádia*, of Elísio Cardoso Guimarães, a book that is indeed the registration of an oral narrative, rescued from the memory of the ancients guanambienses, that portrays the customs of society at the end of the century XIX, in which large landowners were more than bosses of their poor households and ex-slaves: they were their “owners” and their “masters”-. In this atmosphere of power, where the law of the strongest prevailed, began to form the hamlet Beija-flor, currently Guanambi town. That way, we intend to start from what, in some way, is already part of the experiences of these students and show them that literature is alive and is present in people's daily lives. So, from that historical novel, we intend to awaken the taste / pleasure for reading, to then present other books for reading, for the purpose of provide opportunities and provide literary literacy. For this purpose, the research adopted as a theoretical basis studies about reading, literacy and literature in Antoine Compagnon (1999) Antonio Candido (2012), Marisa Lajolo (1993), Regina Zilberman (2008) and Rildo Cosson (2007). The support about history, memory and forgetfulness is ruled in Jacques Le Goff (1990), Paul Ricoeur (2007) and Yves Reuter (1996), while the emergence and importance of the historical novel rest in György Lukács (2011).

KEY WORDS: Literature and history. Memory rescue. Reading for pleasure.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa do município de Caetité – BA	37
Figura 2 – Grupo Escolar Senador Ovídio Teixeira	39
Figura 3 – Escola Municipal Professora Nunila Ivo Frota	39
Figura 4 – Escola Municipal Professora Emiliana Nogueira Pita	40
Figura 5 – Escola Municipal Deputado Luís Cabral	40
Figura 6 – Escola Municipal Manoel Teixeira Lopes	40
Figura 7 – Escola Municipal Dom Manoel Raimundo de Melo	40
Figura 8 – Escola Municipal Zelinda Carvalho Teixeira	40
Figura 9 – Escola Municipal Vereador Clemente Ferreira de Castro	40

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Últimos livros lidos pelos entrevistados	20
Quadro 2 – Estatística de aprendizado adequado na competência de leitura e interpretação de texto até o 5º ano e até o 9º ano	25
Quadro 3 – Relação de escolas da Rede Municipal de Educação que ofertam o Ensino Fundamental II	39
Quadro 4 – Livros considerados como marcantes para os entrevistados	46

LISTA DE SIGLAS

CEE – Conselho Estadual de Educação

DCRB – Documento Curricular Referencial da Bahia

FNDE – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IDEB – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação

MEC – Ministério da Educação

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

PNLD – Programa Nacional do Livro Didático

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 O LETRAMENTO LITERÁRIO E O ENSINO DE LITERATURA	15
2.1 Concepções de leitura, literatura, história, memória e esquecimento	15
2.2 A leitura literária no ensino fundamental	25
2.3 Biblioteca: um lugar de memória e histórias	28
2.4 Algumas considerações sobre o diagnóstico	31
2.5 Um olhar sobre a prática	32
2.6 Que leitores queremos formar?	34
3 O CONTEXTO, OS SUJEITOS, MÉTODO E METODOLOGIA	37
3.1 Contexto	37
3.2 Participantes	41
3.3 Explicitação do contexto da pesquisa	42
3.4 Objeto da pesquisa	43
3.5 Método	43
3.6 Metodologia	44
3.7 Técnicas de pesquisa	44
4 PLANO DE TRABALHO	46
4.1 Traçando os caminhos	46
4.2 História(s) em detalhe	49
4.3 Estrutura do plano de trabalho	50
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
REFERÊNCIAS	57
ANEXO A – Parecer do Comitê de Ética	61
ANEXO B – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido	63
ANEXO C – Resolução N° 003/2020 – Conselho Gestor, de 02 de junho de 2020	65
APÊNDICE A – Atividade Diagnóstica	67
APÊNDICE B - Caderno Pedagógico	69

1 INTRODUÇÃO

No atual contexto brasileiro, é sabido que a maioria dos alunos da educação básica ainda não desenvolveu uma prática de leitura adequada. De acordo com a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil 4¹, somente 23% dos brasileiros dominam a leitura (letramento); a investigação traz um dado mais perverso ainda: 27% dos brasileiros que concluíram o ensino fundamental são analfabetos funcionais, ou seja, apesar de decodificarem textos, não desenvolveram habilidades de interpretação e de resolução de operações matemáticas. A principal barreira para que a leitura aconteça está identificada na resposta de não leitores: apenas 33% deles responderam que não encontram dificuldade para ler, isto é, o maior empecilho relatado por essas pessoas é a dificuldade de “compreensão ou habilidade leitora”.

É de conhecimento, também, que é função da escola iniciar o estudante nas atividades de ler e escrever e, nesse mesmo processo, tornar leitor o educando. Segundo Regina Zilberman (1988, p. 9), “o professor deve fazer com que os alunos leiam e gostem”. Entretanto, a maioria de pessoas deixa de ser leitora ao concluir a Educação Básica, em outras palavras, ao deixar a escola, o livro deixa de ser objeto de consumo. A pesquisa evidencia, ainda, que os não leitores representam 44% da população brasileira, enquanto os leitores totalizam 56%. Os leitores estão principalmente entre os estudantes, na faixa etária de 11 a 13 anos (84%) e entre 14 a 17 anos (75%). À medida que concluem a educação básica e não ingressam no ensino superior, a leitura vai deixando de fazer parte dos seus cotidianos; sendo que é o jovem quem mais lê e mais frequenta livrarias, bibliotecas escolares, públicas e comunitárias. São principalmente os jovens que buscam a socialização da leitura através de redes sociais, blogs, vlogs, sites, eventos de cosplay, lançamentos de livros etc.

São diversos os fatores que fazem com que o Brasil seja um baixo consumidor de material impresso: altas taxas de analfabetismo, influência cada vez maior dos meios de comunicação de massa, baixo poder aquisitivo da população, entre outros. Por outro lado, também não cultivamos o hábito de frequentar bibliotecas públicas, e até mesmo o texto literário, na maioria das vezes, é trabalhado na sala de aula como pretexto para outras atividades. Todos esses fatores contribuem para a não apropriação do efetivo domínio das habilidades de leitura e escrita como práticas sociais e, conseqüentemente, para a precária formação de leitores.

¹ Retratos da Leitura no Brasil é uma pesquisa desenvolvida pelo Instituto Pró-Livro desde 2001 e considera leitor aquele que leu pelo menos um livro nos últimos três meses.

Diante disso, firma-se a importância e a necessidade de despertar o interesse pela leitura nos alunos das escolas da rede pública de ensino. Assim, o presente trabalho consiste em uma proposta de mediação a ser realizada em turmas do 9º ano das escolas da rede municipal de ensino em Caetité – Bahia. A escolha pelo 9º ano se deu em virtude da observação de que professores que atuam no ensino básico têm demonstrado insatisfação com o fato dos alunos estarem saindo do ensino fundamental e chegando ao ensino médio com grandes dificuldades na leitura. Ademais, é comum os estudantes reconhecerem que não têm o hábito de ler nem gosto pela leitura.

Nosso propósito é a leitura de fruição, uma literatura que encanta, diverte, mas que também ensina, pois é urgente e necessário auxiliar os estudantes a encontrarem o gosto pela leitura, a lerem por prazer e a sentirem as emoções do texto literário, todavia falta espaço e tempo na escola para a leitura, para saborear sua fruição, sendo que a formação do gosto deve ter como princípio o leitor livre, pois só é possível gostar, criticar ou mesmo se opor quando se conhece.

Este trabalho de pesquisa buscará investigar os hábitos de leitura de nossos alunos e, a partir daí, apresentar uma proposta que resulte numa experiência produtiva e instigante, promovendo o prazer pela leitura, pois é dever da escola estimular o gosto e o interesse pelo texto, favorecendo a habilidade leitora.

Nossa proposta é, de início, estudar a lenda histórica de Leocádia, que se eternizou como figura religiosa e transformou a vida dos habitantes daquela comunidade. O livro, que é baseado em relatos orais, é uma maneira de emergir sujeitos que, de certa forma, foram excluídos pela história e colocados como indivíduos sem memória. Essa reminiscência de eventos se passa no dia a dia das pessoas e demonstra a importância da preservação dos fatos para a história de uma comunidade.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental (1997, p. 51), é esperado que o aluno “compreenda a leitura em suas diferentes dimensões – o dever de ler, a necessidade de ler e o prazer de ler”. Pensando nesse propósito e na constatação de que muitos alunos apresentam rejeição ao texto literário, buscaremos oportunizar/proporcionar aos estudantes o desejo de conhecer a história da região em que vivem, uma história que é contada pelo autor, mas que é de todos os guanambienses, pois é fruto de narrativas orais contadas pelos mais velhos.

As fontes para o desenvolvimento serão o romance histórico *Leocádia* e também o filme, que contam a lenda de uma jovem do final do século XIX, moradora de uma região onde

atualmente é o município de Guanambi – Bahia. Na obra, o autor busca retratar os costumes da sociedade daquela época, período em que os grandes latifundiários eram mais que patrões de seus pobres agregados e ex-escravos: eles eram seus “donos” e seus “senhores”. Nessa atmosfera de poder em que prevalece a lei do mais forte, a jovem Leocádia foi brutalmente estuprada e assassinada a mando da esposa enciumada de um coronel. Essa obra, de Elísio Cardoso Guimarães, é, na verdade, o registro de uma narrativa oral resgatada da memória dos antigos guanambienses. Trata-se de um romance baseado nas rodas de conversa com as pessoas mais velhas, ou seja, alimentado pela oralidade.

Dessa forma, pretendemos partir do que, de algum modo, já é parte das vivências desses estudantes, a fim de lhes mostrar que a literatura é viva e que ela e a história são bastante próximas e interdependentes. Logo, partindo da imersão nesse estudo da literatura/história local, pretendemos inserir outras obras literárias com o propósito de responder a seguinte questão: o conhecimento da literatura local/regional contribui para desenvolver a curiosidade, o envolvimento e o desejo de realizar outras leituras e, conseqüentemente, para despertar o gosto/prazer pela leitura nos educandos sujeitos da pesquisa?

Por fim, considerando toda essa conjuntura, adotaremos como sistematização para o letramento literário a construção de uma comunidade de leitores que, verdadeiramente, sejam capazes de se encantarem com o mundo imaginário da leitura. Estratégias diversificadas serão utilizadas, entre elas, a construção de um baú literário em que os educandos terão a oportunidade de interagirem por meio da troca das mais diversas obras literárias.

Nossa hipótese concebe que o trabalho com textos literários se torna mais significativo quando explora aspectos que se relacionam com a realidade sociocultural dos estudantes. Assim sendo, há evidências de que conseguiremos despertar o gosto/prazer no ato de ler por meio de um romance histórico, pois pesquisadores como Regina Zilberman (2008) e Rildo Cosson (2007) possuem trabalhos e pesquisas nos quais abordam e defendem práticas que valorizam o universo sociocultural dos educandos. Não pretendemos, contudo, determinar se os fatos apresentados na obra são lendários ou históricos, nossa proposta é trazer a literatura local para o contexto escolar e, a partir daí, inserir outras obras literárias, ou seja, promover o letramento literário.

Ao aplicarmos esse projeto, pretendemos desenvolver o tema *O letramento literário através da literatura local*, penetrando na densidade do texto literário, procurando extrair sua riqueza comunicativa e ressignificando o ensino de literatura na escola. Acreditamos que seja

possível intervir no sentido de criar nos estudantes o desejo de conhecer a história da região em que vivem, uma história que é contada pelo autor, mas que é de todos os cidadãos.

Nas escolas, na maioria das vezes, essa história local é marginalizada, de modo que os conhecimentos advindos das narrativas orais não são explorados nem problematizados. É necessário, portanto, romper essa barreira e trazer para a sala de aula não apenas as histórias de autores reconhecidos, mas também histórias “vivas”.

Diante disso, este projeto se propõe a discutir o universo dos primeiros sertanejos que fixaram residência na atual Guanambi, extraindo do romance *Leocádia*, como também de outras fontes de pesquisa, elementos que expressem e ampliem o conhecimento sobre fatos os quais marcaram e ajudaram a construir a história da cidade, historicizando algumas práticas políticas, sociais e econômicas dos habitantes do município. Depois, a partir desse romance histórico, pretendemos ampliar a bagagem literária dos alunos, inserindo outras obras com a intenção de formar uma comunidade de leitores. O objetivo de interferir teórica e metodologicamente nas questões apresentadas é o que justifica a pesquisa, uma vez que pretende inserir os estudantes no universo literário, tendo como ponto inicial o trabalho com o romance histórico *Leocádia*, e – a partir da leitura da obra e da relação entre narrativa ficcional, memória local e história oficial – partir daquilo que é próximo e conhecido para apresentar aos alunos outras obras literárias que incrementem os hábitos leitores a fim de promover o letramento literário.

Assim, este trabalho está dividido em cinco capítulos: o primeiro deles trata-se da apresentação inicial do estudo (esta seção). O segundo discute as concepções de leitura, literatura, história, memória e esquecimento; traz uma abordagem sobre o ensino de literatura no ensino fundamental; apresenta a biblioteca como um local guardador de memórias e histórias e também estância de letramento. Explana, ainda, sobre a prática de leitura/literatura praticada nas escolas e, por fim, apresenta o perfil do leitor que se deseja formar.

No terceiro capítulo, são apresentados os participantes da pesquisa e o contexto em que estão inseridos, descrevendo o método, a metodologia e as técnicas de pesquisa utilizados.

No quarto capítulo, apresentamos nossa proposta de trabalho e o plano de ação a ser executado, assim como os resultados esperados. Em seguida, tecemos, no quinto capítulo, as considerações finais acerca dos temas discutidos e dos resultados a que chegamos.

Compõe ainda este texto referências de apoio, anexos e apêndices, sendo um desses apêndices nosso caderno pedagógico, composto por dez oficinas, que é a sistematização de toda a nossa proposta de trabalho.

2 O LETRAMENTO LITERÁRIO E O ENSINO DE LITERATURA

2.1 Concepções de leitura, literatura, história, memória e esquecimento

Definir literatura é algo bastante complexo. No dicionário de Sérgio Ximenes (2001, p. 585) encontramos que literatura é “a arte de produzir prosa ou verso”, “conjunto de obras literárias de um país ou época” ou ainda “qualquer dos usos artísticos da linguagem”. Nesse caso, o que dizer da correspondência e anotações irrisórias de grandes escritores? Roland Barthes (1977, p. 8) disse: “entendo por literatura não um corpo ou uma sequência de obras, nem mesmo um setor de comércio ou de ensino, mas o grafo complexo das pegadas de uma prática: a prática de escrever”. Antonio Candido (2011, p. 174) chama de literatura “todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático, em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura”. São muitos conceitos em diversas épocas, todavia todo julgamento pressupõe exclusões: ao dizermos que um texto é literário, subentende-se sempre que outro não é. Para quem lê, o que é lido é sempre literatura.

Assim como a língua, a literatura possui níveis de complexidade e diversidade na sociedade e se processa num sistema sincrônico dos textos literários, em constante movimento, na proporção em que surgem novas obras. Dessa forma, um conceito estático de literatura seria a negação da própria literatura, assim afirmou o escritor brasileiro Elias José (2007, p. 22):

Há livros para se conhecer palavras, a realidade regional ou o mundo, histórica e geograficamente, para se conhecer as artes, os saberes da boa cozinha, para se calcular, para analisar, para comprar, para nos ajudar, para nos esclarecer, conscientizar, para fazer a nossa cabeça ou levantar questões apenas, para nos passar técnicas de bem fazer algo, para fazer rir e chorar. Numa boa biblioteca, há livros eternos, e há jornais e revistas passageiros, que nos informam sobre o dia-a-dia, nos incomodam, assustam ou divertem por curto prazo de tempo.

É nessa perspectiva de literatura que a leitura se processa. Segundo a concepção vigente, a leitura se efetua no tripé autor/texto/leitor. Cosson (2007, p. 35) acrescenta, ainda, que “ler é produzir sentido por meio de um diálogo, uma conversa”. Não se trata, no entanto, apenas de leitor e texto, mas de uma conversa com o passado, com as vivências do outro, possibilitando que o leitor construa sentidos por meio de experiências vivenciadas através do texto. Entende-se, portanto, que leitura é bem mais que decodificação: é uma atribuição de sentido dentro de uma relação intrínseca entre autor, texto, leitor e o mundo. Assim,

Ler não é decifrar, como num jogo de adivinhações, o sentido do texto. É, a partir de um texto, ser capaz de atribuir-lhe significação, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia e, dono da própria vontade, entregar-se a esta leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo outra não prevista (LAJOLO, 2003, p. 101).

A leitura inspira liberdade. Por meio de um texto, seja qual for o gênero, o leitor consegue abstrair algo novo. Essa liberdade promove o protagonismo no acesso ao conhecimento e à cultura. A literatura informa, emociona e transforma, por isso liberta. Ela é também imprescindível para o desenvolvimento social de uma nação. De acordo com Marlène Lebrun (2013, p. 138-139),

A leitura é uma aventura textual da qual não se conhece o final, da qual se pode sair transformado ou não. O leitor singular entra no texto com sua representação de mundo e do outro, e a confronta com as representações de mundo e do outro trazidas pelo texto. Ao final da viagem, “da operação de caça”, como diz lindamente Michel de Certeau, o leitor singular se descobre: a descoberta do mundo e do outro lhe permite definitivamente ir ao encontro de si.

Segundo Irandé Antunes (2003), o trabalho com a leitura nas escolas vem sendo feito de uma maneira mecanizada, daí o aluno não conseguir manter-se motivado, uma vez que as estratégias utilizadas são desvinculadas dos interesses do educando e de seus usos sociais. A autora enfatiza ainda que esse tipo de leitura se limita apenas à extração de informações superficiais. Assim, Antunes (2003, p. 28) descreve as práticas de leitura na escola como

[...] uma atividade de leitura puramente escolar, sem gosto, sem prazer, convertida em momento de treino, de avaliação ou de oportunidade para futuras “cobranças”; leitura que é, assim, reduzida a momentos de exercício, sejam aqueles da “leitura em voz alta” realizados, quase sempre, com interesses avaliativos, sejam aqueles que têm de culminar com a elaboração das conhecidas “fichas de leitura”.

Diante disso, faz-se necessária uma análise de como o texto literário tem sido trabalhado nas aulas de língua portuguesa e, a partir dessa análise, é preciso buscar formas de despertar nos educandos um maior interesse pela leitura. Com o projeto “O conhecimento da história local como recurso para o letramento literário: *LEOCÁDIA* - história de uma menina, retrato de uma época”, buscaremos desvendar e resgatar os costumes da sociedade guanambiense do final do século XIX, transportando para a atualidade as relações sociais que ali se fizeram presentes. A partir da leitura desse romance histórico e da assimilação dos fatos por meio de exibição fílmica, bem como do conhecimento de todo o contexto que envolve a obra em questão, adotaremos como princípio para o letramento literário uma análise do conhecido para o desconhecido, como ponderou Rildo Cosson (2007, p. 47):

[...] Para tanto, é necessário que o ensino da Literatura efetive um movimento contínuo de leitura, partindo do conhecido para o desconhecido, do simples para o complexo, do semelhante para o diferente, com o objetivo de ampliar e consolidar o repertório cultural do aluno.

Nesse sentido, Louis Gabriel Ambroise Bonald (2012, p. 74), em sua obra *Oeuvres completes*, conceitua literatura, afirmando ser ela “a expressão da sociedade, como a palavra é a expressão do homem”. Levando em consideração tal afirmação, Bonald (2012) diz que a literatura consegue ser um “espelho” da sociedade, uma vez que sua escrita é baseada em um determinado contexto social, o que transforma a literatura em uma importante fonte para escrita da história, todavia é necessário pontuar que, por ser arte, a literatura é carregada de subjetividade, trabalha com sensações e emoções; em outras palavras, ela pode, sim, refletir a sociedade, entretanto não em sua inteireza, mas em partes dessa realidade vistas pelo olhar do escritor.

Por isso, seria enganoso pensar que a literatura reflete a sociedade. Um termo conveniente seria a “mimêsis”, contudo relegar a literatura apenas à imitação seria, deveras, uma simplificação excessiva. A literatura pode contribuir para uma ideologia dominante, como também para o contrário, podendo exercer uma função subversiva. Ela pode confirmar uma unanimidade ou provocar uma ruptura, pode ser vanguardista e também reprodutora, pode associar-se a um movimento, bem como anteceder-lo. Assim dizendo, na busca por uma definição adequada para literatura, não é possível um conceito estanque, pois o termo oferece inúmeras circunstâncias de emprego e, portanto, sentidos vários. Isso posto, poderíamos dizer que a literatura consegue ser a interface entre o leitor e o mundo, permitindo-lhe saltos de transcendência, conhecendo lugares imaginários, penetrando memórias alheias, adquirindo novos saberes, alimentando a alma, lapidando o espírito crítico, enfim, proporcionando prazer.

Na pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil 4*, (2016, p. 25), as pessoas entrevistadas revelaram, principalmente os menos escolarizados e com pior situação socioeconômica, que a leitura “pode fazer uma pessoa progredir na vida e tornar-se mais ativa”. Ler é uma maneira de transformar-se e de transladar concepções do mundo ficcional para o cotidiano real. A literatura transcende o real, pois permite ao leitor recriar a própria realidade, o que agrega a ela, entre outras coisas, a função de humanizar os indivíduos. A leitura é humanizadora, porque ler é conviver. Há um esforço para compreender o outro ou os muitos outros presentes em uma obra literária. O que torna humano o ser humano é a capacidade de sair de si mesmo e de se colocar no lugar de outrem, praticando a empatia – uma atitude muito requisitada na atualidade.

De acordo com Cosson (2007, p. 17), a literatura “[...] é a incorporação do outro sem a renúncia da própria identidade”. Essa função humanizadora pode ser efetivada pelas artes de um modo geral. Nas sociedades contemporâneas, a leitura se estabelece como atividade mais valorizada e, entre todas as competências culturais, ela é, decerto, a mais fundamental. Portanto, o texto literário é indispensável na formação do leitor e deve ser abordado no espaço escolar de forma que cativa a atenção do aluno, possibilitando que este perceba que é possível, no ato de ler, experimentar momentos interessantes e proveitosos.

Nesse sistema interligado, a literatura registra anseios, ideias e histórias de várias gerações. Com a pretensão de relatar fatos e acontecimentos, a literatura ganha uma característica excepcional, quase patrimonial, tornando-se “história viva”.

De acordo com Antonio Candido (2012), a literatura é uma necessidade universal, tanto sua produção quanto sua fruição. Tal precisão surge juntamente das necessidades mais elementares dos indivíduos ou grupos, desde os primitivos e/ou analfabetos até os mais envolvidos na dinâmica social organizada e instruídos. A arte literária pode se manifestar de maneira simples, como em uma anedota ou adivinha, ou em um grau mais complexo, como as narrativas populares, cantos folclóricos, lendas ou mitos. O autor afirma, ainda, que não passamos um único dia sem consumi-la e que essa fantasia trazida pela literatura dificilmente é pura, pois vem atrelada a alguma realidade, sendo este um bom motivo para pensar a sua função. Ele coloca a literatura como sendo um direito e um fator indispensável para a humanização, constituindo-se como um instrumento poderoso de instrução e educação.

Conforme Candido (2012), o texto literário é uma ferramenta indispensável para a formação leitora e humana de crianças e jovens. O trabalho com literatura e obras literárias deve integrar toda a trajetória escolar, posto que é a partir dele que será possível conduzir o estudante à compreensão de diferentes mundos e distintas realidades. Ele diz ainda que a leitura é bastante intimista e tem caráter subjetivo, uma vez que proporciona experiências diferenciadas para cada leitor, a depender do seu repertório e de suas vivências.

Já Barthes (1977) conceitua a literatura como uma força libertária, representativa do real, dotada de poder e possuidora de muitos saberes, argumentando que todos os saberes estão ali presentes, que podemos encontrar literatura em toda parte em que as palavras têm “saber e sabor”. Além disso, o autor reconhece a função soberana da escrita literária: “Se, por um excesso de socialismo ou barbárie, todas as nossas disciplinas devessem ser expulsas do ensino, exceto uma, é a disciplina literária que devia ser salva, pois todas as ciências estão presentes no

monumento literário”. Para ele, a literatura possui uma forma única e diferenciada de ser e de articular os saberes:

Ela faz girar os saberes, não fixa, não fetichiza, nenhum deles; ela lhes dá um lugar indireto, e esse indireto é precioso... Por outro lado, o saber que ela mobiliza nunca é inteiro nem derradeiro; a literatura não diz que sabe alguma coisa, mas que sabe de alguma coisa; ou melhor: que ela sabe algo das coisas – que sabe muito sobre os homens (BARTHES, 1977, p. 18).

Marisa Lajolo (1993) concebe a leitura de livros como parte integrante e indispensável para a “leitura do mundo”. Segundo a autora, a literatura exerce um papel imperioso nesse processo que ocorre de forma circular, ou seja, “quanto mais abrangente a concepção de mundo e de vida, mais intensamente se lê” e vice-versa. Todavia, ela reconhece os desencontros entre leitor e livro e atribui boa parte desse “problema” a uma crise na formação e papel do professor de língua materna, o qual tem perdido espaço e clareza no desempenho de suas funções. A autora afirma também que este desencontro é sintoma de um desencontro maior, ou seja, que nós, professores, também lemos pouco. Contudo, Lajolo (1993) endossa que a desvalorização e precarização do ensino de língua portuguesa no Brasil tem raízes históricas e que o contexto atual é o reflexo dessa prática antiga, que precisa e deve ser combatida, a começar pela tomada de consciência do professor quanto ao seu papel, ao papel do texto literário na sala de aula e da leitura numa sociedade democrática: [...] “o cidadão, para exercer plenamente sua cidadania, precisa apossar-se da linguagem literária, alfabetizar-se nela, tornar-se seu usuário competente, mesmo que nunca vá escrever um livro: mas porque precisa ler muitos” (LAJOLO, 1993, p. 106). Logo, para formar leitores capazes de vivenciar a força humanizadora da literatura, somente ler não é suficiente, por isso o letramento literário é indispensável no processo educativo, porque vai além da simples leitura. Em conformidade com o exposto, Cosson (2007, p. 30) acrescenta que

Na escola, a leitura literária tem a função de nos ajudar a ler melhor, não apenas porque possibilita a criação do hábito de leitura ou porque seja prazerosa, mas sim, e, sobretudo, porque nos fornece como nenhum outro tipo de leitura faz, os instrumentos necessários para conhecer e articular com proficiência o mundo feito linguagem.

Segundo escritores como Regina Zilberman (2008) e Rildo Cosson (2007), a leitura se torna mais significativa e mais prazerosa para o aluno quando parte do já conhecido ou vivenciado. Essa experiência literária só poderá ser de fato concretizada por meio da mediação da leitura literária. Desse modo, em conformidade com a escritora Zilberman (2008, p. 18), para que a literatura cumpra seu papel formativo no componente de língua portuguesa, o texto

precisa ser a “[...] matéria-prima literária do processo de formação do indivíduo”. Logo, compete ao professor de língua portuguesa promover o encontro entre o aluno e o texto e, assim, paulatinamente, contribuir para a formação do leitor literário. Cosson (2007, p. 17) afirma ainda que

A experiência literária não só nos permite saber da vida por meio da experiência do outro, como também vivenciar essa experiência. Ou seja, a ficção feita palavra na narrativa e a palavra feita matéria na poesia são processos formativos tanto da linguagem quanto do leitor e do escritor. Uma e outra permitem que se diga o que não sabemos expressar e nos falamos de maneira mais precisa o que queremos dizer ao mundo, assim como nos dizemos a nós mesmos.

Esses pontos de vista justificam uma ação pedagógica voltada para o letramento literário. Iniciaremos com um romance histórico, partindo da perspectiva local e, aos poucos, introduziremos outras obras, como *Os Colegas*, de Lygia Bojunga; *Frankenstein*, de Mary Shelley; *O Primo Basílio*, de Eça de Queiroz; *Ponte Sobre o Abismo*, de Giselda Laporta Nicolelis; *Dom Casmurro*, de Machado de Assis; *Crescer é Perigoso*, de Márcia Kupstas; *Estrelas Tortas*, de Walcyr Carrasco; *Sempre Haverá Um Amanhã*, de Giselda Laporta Nicolelis; *O Pequeno Príncipe*, de Antoine de Saint-Exupéry; *As Aventuras de Robin Hood*, de Howard Pyle; *Fábulas*, de Monteiro Lobato; *Poliana Cresceu*, de Eleanor H. Porter, entre outros. São obras de diversas categorias, tudo isso para provocar e motivar nossos leitores, posto que pesquisas revelam que os adolescentes estão lendo obras de autores bem variados, incluindo livros de autoajuda, religiosos, best-sellers, cânone literário e HQ, como podemos observar no quadro a seguir:

Quadro 1 – Últimos livros lidos pelos entrevistados

Último livro lido ou que está lendo

Os mais citados	2007	2011	2015
	Classificação		Números absolutos
Bíblia	1º	1º	225
Diário de um banana	-	-	11
Casamento blindado	-	-	11
A culpa é das estrelas	-	-	10
Cinquenta tons de cinza	-	-	7
Ágape	-	2º	6
Esperança	-	-	5
O monge e o executivo	-	-	5
Ninguém é de ninguém	-	-	5
Cidades de papel	-	-	4
O código da inteligência	-	-	4
Livro de culinária	-	-	4
Livro dos espíritos	-	-	4
A maldição do titã	-	-	4
A menina que roubava livros	-	19º	4
Muito mais que cinco minutos	-	-	4
Philia	-	-	4
A única esperança	-	-	4

Fonte: Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, 4ª Edição, 2016.

Optar pela leitura de um único livro é cada vez menos regra. É importante o direito de escolha entre alunos, pois a experiência leitora só se solidifica com um contato emocional profundo. À medida que o leitor se sofisticava, vai necessitar de livros mais elaborados².

Ao propormos um trabalho baseado em um romance histórico, fazem-se necessárias algumas considerações sobre história, memória e esquecimento. Paul Ricoeur (2007) argumenta que a memória se apresenta como “matriz da história” e também como “canal da reapropriação do passado histórico”. A memória possui um campo fantástico e inesgotável de estudo, pois está presente em tudo e em todos, constituindo-se o veículo mais valioso que temos para contar nossas histórias. Essas histórias carregam memórias estruturadas pela passagem do tempo. Através da história, são transmitidos os feitos da humanidade, assim como experiências e lembranças além do espaço temporal. Dessa forma, a história recorre à memória para se conceber. História e memória possuem um passado comum e ligado ao esquecimento: ao eleger algo para lembrar, conseqüentemente o não selecionado será esquecido. Entretanto, para Ricoeur (2007, p. 424), “a própria memória se define, pelo menos numa primeira instância, como luta contra o esquecimento”. O autor aponta uma necessidade natural do indivíduo ou da coletividade de selecionar o que lembrar e o que esquecer, para assim viver bem o presente. Desse modo, a memória não é feita somente de lembranças, mas também dos esquecimentos, pois lembrar também equivale a esquecer, ou seja, a história não é um registro fiel do passado, assim como a memória é uma construção seletiva. Uma parte da dimensão do passado se perde ao ser esquecido.

Destarte, em nossa busca por resgatar as narrativas locais e regionais, entram em cena a história, a memória e o romance histórico. Diante da possibilidade de articular esses domínios, mobilizaremos os estudantes no sentido de trazer a história local (muitas vezes esquecida e negligenciada) à luz do presente por meio das narrativas orais que compõem o romance *Leocádia*. Dessa forma, o romance histórico traz história e ficção, lembranças e esquecimentos, escolhas e renúncias, como bem define Gabriel García Márquez (2002 Apud DU BOIS, 2015, p. 130): “A vida não é a que a gente viveu, e sim a que a gente recorda, e como recorda para contá-la”. Assim sendo, a memória é a alma do nosso ser, a garantia de nossa existência, é a junção do “eu” que fomos e fizemos com o “eu” que somos e fazemos.

Muitos autores, com o propósito de apresentarem os processos históricos, buscam aproximar história e literatura, estreitando as relações entre romance e fatos históricos. Por apresentarem uma leitura mais prazerosa, é corrente a utilização de romances históricos com

² De acordo com a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil 4.

função didática. Até mesmo historiadores e estudiosos de literatura corroboram com essa ideia, a exemplo de Jacques Le Goff, o qual acredita que a atividade do historiador pode ser exercida, ocasionalmente, por amadores, estes que desempenhariam algumas funções para as quais os historiadores não estariam aptos.

Quando se trata de história local, as dificuldades são ainda maiores, pois o acesso à cultura e, conseqüentemente, à literatura não está ao alcance de todos, nem mesmo daqueles que frequentaram a escola. Desse modo, essa história em detalhe – próxima, viva e que também é parte da história nacional – acaba sendo disseminada através da oralidade e, posteriormente, por pessoas que se atrevem a registrá-la, mesmo não sendo acadêmicas de ofício. José D’Assunção Barros (2006, p. 470) assim define história local:

[...] a História Local - ou História Regional, como passaria a ser chamada com um sentido um pouco mais específico - surgiu precisamente como a possibilidade de oferecer uma iluminação em detalhe de grandes questões econômicas, políticas, sociais e culturais que até então haviam sido examinadas no âmbito das dimensões nacionais.

Contudo, a história memorialista, para a qual os primeiros contadores foram autores ou espectadores, vai passando de boca em boca através dos tempos até que um “historiador” transforme essas histórias em narrativas, inserindo ali a abstração do seu ponto de vista, como também outras vivências e outras histórias; por esse motivo pode-se dizer que o romance histórico, apesar de não ter o dever de verdade, carrega elementos históricos e ficcionais, apresentando uma visão aproximada e personalizada da história, ou seja, parte de uma visão micro para uma visão macro, esboçando um panorama pormenorizado da história.

Nos estudos envolvendo narrativa ficcional e histórica, faz-se necessário estabelecer uma distinção entre ficção e história. Para Yves Reuter (1996, p. 40), “a ficção (ou diegese) designa o universo criado, a história tal como podemos reconstituí-la, as personagens, o espaço, o tempo [...]”. Já a história tem a ver com o mundo real, o referente, o que existe extratextualmente. O que difere a narrativa histórica da ficcional é o trato com o foco narrativo e a abordagem dos elementos textuais; assim como a riqueza representacional e a sobreposição de diferentes visões sobre o mesmo fato ou momento histórico.

Há uma preocupação em distinguir narrativa histórica e narrativa ficcional e até que ponto elas se entrecruzam no texto desde a antiguidade clássica até os dias atuais. A falta de fidelidade na história, a omissão ou até mesmo a manipulação são temas discutidos desde aquela época. A ascensão do romance histórico se deu com o despertar de uma consciência em relação

às funções atribuídas à história. Com isso, houve uma preocupação em se retratar no romance aspectos históricos que tivessem respaldo quanto à sua veracidade.

A partir do século XVIII, verifica-se a dissociação dos conceitos entre ficção e não-ficção. Com isso, houve um distanciamento entre as narrativas ficcionais e históricas. No século XIX, a fronteira entre ficção e história foi, de certa forma, determinada: as narrativas históricas separavam-se do romance histórico, todavia mantinham pontos de convergência, complementando-se. Nesse período, o romance histórico teve sua ascensão, valendo-se da luta entre as classes, da oposição entre esquerda e direita, da existência da burguesia e do proletariado, tornando-se propagador das posturas ideológicas presentes no mundo. A obra que marca o surgimento do romance histórico é *Waverley*, de Walter Scott, publicado em 1814, no entanto, nos séculos XVII e XVIII já havia romances contemplando a temática histórica, porém de histórico havia apenas a aparência.

O romance histórico scottiano é uma sucessão direta do grande romance social realista do século XVIII. O autor mostra em seus romances as grandes crises da vida histórica, entretanto o papel de destaque em seus romances mais importantes é desempenhado por personagens históricas desconhecidas.

Deve-se considerar que o romance histórico não tem a intenção de reproduzir a fidelidade histórica em sua totalidade. Não se trata de narrar os grandes episódios históricos, mas sim do avivamento ficcional das personalidades que os protagonizaram. György Lukács (2011) defende que os grandes dramas coincidem com mudanças históricas decisórias e que a obra histórica é capaz de rememorar esses momentos. Ou seja, o herói passa a ser histórico e público. É o realismo em eclipse com a arte.

Dessa forma, o relevante para o romance histórico é, por meios ficcionais, revelar a existência dos personagens históricos, sendo tarefa do romancista apresentar da maneira mais rica possível as circunstâncias históricas da época representada. A narrativa histórica apoia-se na verdade dos fatos para dar subsídio, relevância, situando a obra em um tempo e espaços realistas e dando a ela materialidade.

No que tange ao tratamento das narrativas, é necessário ressaltar a importância da oralidade que media os relatos, evoca as histórias, traz o passado à luz do presente por meio da edição da memória, travando uma ação contra o esquecimento. O narrador remodela e dá forma ao passado, torna presente o ausente; nos dá acesso a experiências que não teríamos de outra forma, permitindo-nos adentrar ao fascinante campo do conhecimento. Assim, em relação ao trabalho com memória, Le Goff (1990, p. 448) afirma que “a memória, onde cresce a história,

que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma a que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens”.

Nesse sentido, os relatos orais se definem como elementos importantes no processo rememorativo para o conhecimento de épocas passadas, rompendo as barreiras do silêncio e do anonimato e evidenciando acontecimentos, experiências e percepções que não estão registradas na historiografia oficial. Essas lembranças trazidas pela memória coletiva devem ser valorizadas e pluralizadas, pois uma sociedade não sobrevive sem memória. Assim, Paul Thompson (2002, p. 44) define a história oral:

A história oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo. Estimula professores e alunos a se tornarem companheiros de trabalho. Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade. Ajuda os menos privilegiados, e especialmente os idosos, a conquistar dignidade e autoconfiança. Propicia o contato – e, pois, a compreensão – entre classes sociais e entre gerações. E para cada um dos historiadores e dos outros que partilhem das mesmas intenções, ela pode dar um sentimento de pertencer a determinado lugar e a determinada época. Em suma, contribui para formar seres humanos mais completos. Paralelamente, a história oral propõe um desafio aos mitos consagrados da história, ao juízo autoritário inerente a sua tradição. E oferece os meios para uma transformação radical no sentido social da história.

Além das concepções apresentadas, vale acrescentar que a literatura sempre foi uma importante fonte para a história e vice-versa. Para se entender questões políticas e sociais que regem determinadas práticas e comportamentos de uma sociedade, é de fundamental importância conhecer a cultura, a arte, a literatura e a história desse local. A leitura do romance histórico se apresenta como uma importante possibilidade de acessar informações sobre o passado histórico, além de outros aspectos ideológicos vigentes à época representada e favorecer uma compreensão mais elaborada no processo de formação da sociedade.

Com o propósito de levar a literatura local para a sala de aula e partir do próximo e conhecido para o distante e desconhecido, é que pretendemos promover o letramento literário. Muitos autores subsidiam este estudo, dentre eles Rildo Cosson (2007), Marisa Lajolo (1993), Antoine Compagnon (1999), Paul Ricoeur (2007) e Regina Zilberman (2008). Esta última afirma que a presença do texto na escola serve a todas as questões aqui citadas, no entanto diz ainda que é necessário e urgente levar em consideração os interesses e experiências dos estudantes, uma vez que são eles os sujeitos da ação.

De acordo com Cosson (2007), o processo de letramento literário é diferente da leitura por fruição, na verdade, esta depende daquele. Para o autor, a escolarização da literatura é irrevogável, uma vez que a mesma deve ser ensinada na escola, dessa forma

[...]devemos compreender que o letramento literário é uma prática social e, como tal, responsabilidade da escola. A questão a ser enfrentada não é se a escola deve ou não escolarizar a literatura, como bem nos alerta Magda Soares, mas sim como fazer essa escolarização sem descaracterizá-la, sem transformá-la em um simulacro de si mesma que mais cega do que confirma seu poder de humanização (COSSON, 2007, p. 23).

2.2 A leitura literária no ensino fundamental

No atual contexto brasileiro, percebe-se que a maioria dos estudantes das escolas públicas de ensino básico ainda não desenvolveu uma prática de leitura adequada para a idade/série/ano que estão matriculados. Os resultados do Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB) vêm mostrando a cada ano que nossos alunos continuam com dificuldades até mesmo nos procedimentos básicos de leitura, não conseguindo atingir os níveis mais elementares. De acordo com o site QEdu, portal que contém dados e indicadores da Educação no Brasil, as escolas municipais da Bahia trazem o seguinte resultado com base na Prova Brasil 2017 e 2019:

Quadro 2 – Estatística de aprendizado adequado na competência de leitura e interpretação de textos até o 5º ano e até o 9º ano.

Português, 5º ano	40%
É a proporção de alunos que aprenderam o adequado na competência de leitura e interpretação de textos até o 5º ano na rede municipal de ensino. Dos 166.813 alunos, 66.058 demonstraram o aprendizado adequado.	
Português, 9º ano	20%
É a proporção de alunos que aprenderam o adequado na competência de leitura e interpretação de textos até o 9º ano na rede municipal de ensino. Dos 115.463 alunos, 23.261 demonstraram o aprendizado adequado.	
COMPETÊNCIA LEITORA - Prova Brasil 2019	
5º Ano: 57%	9º Ano: 36%
Bahia	Caetitê
5º Ano: 41%	5º Ano: 52%
9º Ano: 24%	9º Ano: 36%

Fonte: QEdu.org.br.

Ao compararmos os dados da Prova Brasil 2017 com os dados da Prova Brasil 2019, recém-divulgados, é possível perceber que a situação pouco se alterou e, no caso da rede municipal de Caetité, até piorou.

São vários os fatores que influenciam nesse quadro: acesso muito limitado de material, falta de estímulo e, às vezes, falta de tempo e condições para tal prática. A escrita e a leitura se impõem como condições essenciais para interagir no meio social e para a inserção no mercado de trabalho. A leitura do texto literário é fundamental no processo de formação de leitores no espaço escolar, entretanto nem todas as escolas possuem biblioteca. Dos respondentes do Ensino Fundamental II da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil 4, 11% disseram que não havia biblioteca na escola onde estudavam. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC/2017), no que diz respeito ao trabalho com língua portuguesa nos anos finais do ensino fundamental, apresenta o seguinte objeto de conhecimentos e habilidades, pautados em Antonio Candido, que vê a literatura como um instrumento de humanizar e transformar o homem:

No âmbito do Campo artístico-literário, trata-se de possibilitar o contato com as manifestações artísticas em geral, e, de forma particular e especial, com a arte literária e de oferecer as condições para que se possa reconhecer, valorizar e fruir essas manifestações. Está em jogo a continuidade da formação do leitor literário, com especial destaque para o desenvolvimento da fruição, de modo a evidenciar a condição estética desse tipo de leitura e de escrita. Para que a função utilitária da literatura – e da arte em geral – possa dar lugar à sua dimensão humanizadora, transformadora e mobilizadora, é preciso supor – e, portanto, garantir a formação de – um leitor-fruidor, ou seja, de um sujeito que seja capaz de se implicar na leitura dos textos, de “desvendar” suas múltiplas camadas de sentido, de responder às suas demandas e de firmar pactos de leitura (BNCC, 2017, p. 138).

Todavia, o que se observa é que, na passagem no ensino fundamental I para o ensino fundamental II, o trabalho com a leitura literária perde espaço, sendo retomado posteriormente no Ensino Médio. A pesquisa demonstra ainda que os brasileiros que “gostam muito” de ler obras literárias são as crianças pequenas, enquanto que adolescentes e adultos relataram “gostar um pouco” de ler, o que assente a mudança importante na relação com a leitura literária a partir do ingresso do aluno no ensino fundamental II e ensino médio. Não é possível “garantir a formação de um leitor-fruidor” com uma lacuna tão grande em sua formação literária.

Nos anos iniciais do Ensino Fundamental, é comum a abordagem de textos de autores consagrados, geralmente apresentados em forma de contos de fadas e poemas, já as leituras nos anos finais do ensino fundamental restringem-se, na maioria das vezes, ao livro didático com propósitos alheios à fruição literária, prevalecendo as questões de gramática e linguística. A atenção dada ao texto literário é extremamente sucinta, visto que os livros trazem apenas

fragmentos ou resumos. Outro problema observado nesta etapa escolar é a inadequação dos textos para algumas turmas, visto que já é bastante expressiva a defasagem idade/série, além do universo do adolescente ser preenchido por diversas tarefas como trabalho, estudo, tarefas escolares, assim como demandas da vida pessoal, social e familiar, como redes sociais, jogos online, relacionamentos amorosos etc.

Como já explicitado, embora se espere o contrário, as práticas de leitura do texto literário nas instituições de ensino nem sempre colaboram para a formação de um indivíduo leitor, capaz de realizar leituras dentro e fora da escola, ou seja, autônomo. Infelizmente, ainda hoje há discursos que tentam refutar a importância da literatura. No contexto atual, em muitos currículos, a literatura é agregada às aulas de língua portuguesa e nem sempre tratada como deveria no cotidiano escolar.

Soma-se a tudo isso o acesso ainda bastante restrito e pouco democrático do texto literário nas instituições públicas de ensino. O principal programa de aquisição de livros do governo federal no Brasil é o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), que é coordenado pelo Ministério da Educação (MEC) e mantido pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), que concentra seus recursos na compra de livros didáticos. No entanto, cabe acrescentar que, no ano de 2019, as escolas foram contempladas com livros de literatura, ficando a cargo do professor a escolha, o que já é um grande avanço.

É necessário, também, destacar o valor da mediação do professor – que exerce um papel primordial no estímulo à leitura – e do bibliotecário no processo de formação do leitor. A escolha dos livros a serem abordados ou propostos nas aulas de língua portuguesa, assim como a condução dada pelo professor, tanto quanto a orientação e mediação dadas pelo bibliotecário, são substanciais no percurso de formação do leitor.

De acordo com Lajolo (1993), o desinteresse pela leitura parte também do professor: o próprio profissional da educação costuma lidar com a literatura e/ou práticas leitoras como um fardo ou uma obrigação e disso tenta se livrar repetindo as técnicas sugeridas nos “manuais do professor”. A autora acrescenta:

Não parece que o que fazer com o texto literário na sala de aula seja ainda de sua competência. Já faz alguns anos que decidir isso é da competência de editoras, livros didáticos e paradidáticos, muitos dos quais se afirmaram como quase monopolizadores do mercado escolar, na razão direta em que tiraram dos ombros dos professores a tarefa de preparar aulas (LAJOLO, 2003, p. 14-15).

Ainda sobre o texto literário na sala de aula, Lajolo (2003, p. 15) é categórica ao afirmar: “Ou o texto dá um sentido ao mundo, ou ele não tem sentido nenhum. E o mesmo se pode dizer

de nossas aulas”. Apesar de ficar evidente o papel do professor como motivador e mediador da leitura, mais especificamente de textos literários, a tarefa ainda é da escola. O aluno pode e deve ler textos literários por fruição e puro prazer, porém, até alcançar esse nível de maturação para que o contato com o livro seja prazeroso, é obrigação da escola promover o letramento literário.

É inegável que nos últimos anos o ensino de literatura evoluiu bastante, mas, apesar dessa evolução, ainda não foi possível obter o êxito desejado na formação de leitores. A criança que, na maioria das vezes, demonstra interesse pela leitura na infância passa a mostrar desinteresse no decorrer do ensino fundamental II.

Analisando os resultados do Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB), podemos notar que menos da metade dos alunos, independente da etapa escolar, atingem um grau adequado na competência leitora. Além disso, quanto mais se avança em nível escolar, mais se agrava o problema. Nos anos finais do ensino fundamental II, 80% dos alunos atingem o nível básico ou insuficiente. Isso equivale a pouco ou quase nenhum aprendizado, o que é uma contradição, pois, à medida que se evolui nas séries escolares, deveria ocorrer o mesmo com a prática/competência leitora. É urgente e necessário romper tal barreira. É preciso criar na escola um lugar onde as crianças e adolescentes tenham contato com os livros: manusear, escolher, ler, fabular ou até rejeitar.

A escola precisa se apropriar do texto literário e tratá-lo de maneira adequada. Para Soares (1999), as três principais instâncias de escolarização da literatura são a biblioteca, a leitura e o estudo de livros de literatura orientados por professores nas aulas de língua portuguesa. De acordo com a escritora, a biblioteca é um espaço privilegiado para o contato com o literário: primeiro, como um lugar “guardador de livros” e, depois, como local de memória, componente indispensável para a existência e continuidade da história de qualquer povo.

2.3 Biblioteca: um lugar de memória e histórias

Compreender o surgimento e a funcionalidade das bibliotecas se torna imprescindível para esta pesquisa na medida em que elas se constituem como agências de promoção de letramento e espaços privilegiados para a formação de leitores. Todavia, assegurar o acesso dos estudantes a uma grande quantidade e diversidade de livros não garante a formação de leitores. Dispor de tempo para ler também não é suficiente. Para que o interesse pela leitura possa

acontecer, é preciso apresentar os livros aos leitores em desenvolvimento. É necessário investir na mediação da leitura, sendo a biblioteca um dos espaços mais propícios a esta intervenção.

A história das bibliotecas remonta à própria história da humanidade. Conforme sentiu a necessidade de eternizar os acontecimentos, o homem procurou um suporte concreto para registrar e documentar as informações. À medida que o volume de documentos foi aumentando, foi necessário criar meios de registro, organização e armazenamento. Com isso, apareceram os profissionais especializados em facilitar o acesso a esses dados.

Segundo Vera Teixeira de Aguiar (1994), as primeiras bibliotecas eram vistas como locais de preservação da memória e do conhecimento. Sua relevância se dava por armazenar objetos caros e valiosos, ou seja, os livros. Eram locais restritos, aos quais só tinham acesso membros das classes privilegiadas da sociedade (melhor dizendo, os livros estavam reservados à elite).

Essas primeiras bibliotecas possuíam sistemas precários de recuperação e acesso e encarregavam-se de armazenar uma grande quantidade de rolos de papiro e, mais tarde, de pergaminho. Tais bibliotecas conferiam prestígio e poder aos imperadores nas regiões onde se encontravam. Já na Idade Média, como o centro da vida social e econômica da população era a igreja, as bibliotecas se encontravam, quase que exclusivamente, no interior de mosteiros e conventos e não tinham caráter público, não havia o interesse em se difundir a leitura, muito menos disseminar a informação e o conhecimento.

Essa realidade começou a se alterar com a fundação das Universidades, em decorrência da necessidade do acesso aos textos escritos e à informação. Houve uma imensa demanda por livros, o que gerou a abertura ao público das bibliotecas existentes, ocasionando também o aumento da produção intelectual. Com a invenção da imprensa por Johannes Gensfleisch Gutenberg (1400-1468), foi possível a expansão da leitura por meio dos materiais impressos, não mais os manuscritos. No século XIX, com o advento da revolução industrial e a crescente urbanização, a presença da biblioteca ganhou ainda mais força, ou seja, a biblioteca acompanhou a evolução da sociedade, deixando de ser um espaço particular para transformar-se em um local de socialização e transmissão do saber.

Sendo assim, a sala de aula e a biblioteca são, deveras, lugares de cultura, memória, descoberta e fontes de saber. Esses locais são de substancial importância na produção e salvaguarda do conhecimento humano, pois são responsáveis pela preservação e transmissão da cultura. Nesses ambientes são experienciados momentos e situações inesquecíveis: imagens escritas, visuais ou audiovisuais que ficam guardadas na memória afetiva dos estudantes. O

espaço físico e seus objetos também estabelecem diálogos com seus integrantes, acionando e modificando seus repertórios culturais, por isso precisam ser espaços dinâmicos e estimulantes.

Uma biblioteca é o local de organização dos registros de saberes de diferentes épocas e lugares, desempenha também o papel de guardião do conhecimento, não retendo para si o saber, mas promovendo uma viagem ao passado. É o espaço de fabulação, campo de destinos múltiplos, espaço para conversas e escolhas diversas. Enfim, um ambiente que nos auxilia na difícil tarefa de promover o encontro do leitor com o texto.

Entretanto, estudos evidenciam que as bibliotecas nem sempre são bem utilizadas: 55% dos estudantes respondentes da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil 4 disseram que conheciam as bibliotecas públicas de seus municípios, mas apenas 20% as frequentavam. Entre os não estudantes respondentes, a porcentagem dos que não frequentam uma biblioteca chega a 90%. Esses dados são apenas mais um motivo para acreditarmos que é imperativo desenvolver políticas públicas mais efetivas e incisivas para a formação de leitores, pois uma biblioteca agrega pessoas e possibilita a transformação dos sujeitos através do conhecimento. Ela é fonte de estímulo ao prazer em aprender, acumulando as funções de recurso prioritário de informação, fonte de memórias e saberes e também local privilegiado para o desenvolvimento de habilidades leitoras. Ela é ainda um espaço de comunicação e local dinamizador de cultura. É necessário, pois, trabalharmos para que os estudantes adquiram o hábito de frequentar bibliotecas escolares e públicas. Dessa forma, após concluída a escolaridade obrigatória, poderão manter, com mais facilidade, seus hábitos de leitura. Graça Maria Fragoso (2002, p. 124) define a biblioteca da seguinte forma:

Longe de constituir mero depósito de livros, é a biblioteca escolar um centro ativo de aprendizagem. Nunca deve ser visto como um mero apêndice das unidades escolares, mas como um núcleo ligado ao pedagógico. O bibliotecário trabalha com os educadores e não apenas para eles ou deles isolados. Integrada à comunidade escolar, a biblioteca proporcionará a seu público leitor uma convivência harmoniosa com o mundo das ideias e da informação.

A autora afirma que, no Brasil, a maioria das pessoas desconhece a finalidade da biblioteca para uma comunidade e diz ainda que ela está bem distante de cumprir suas atribuições no sistema educacional, elencando os diversos fatores que contribuem para esse fracasso, os quais vão desde a estrutura física até a falta de preparo dos profissionais. Fragoso (2002) relata também a dificuldade em conseguir informações atualizadas acerca das bibliotecas das escolas brasileiras – quantas possuem ou não biblioteca, qualidade do acervo, se o profissional responsável possui formação etc. Ela conclui que poucas possuem um

profissional com formação especializada, dispondo apenas de um mero “guardador de livros”, o que acaba interferindo diretamente na (não) utilização do acervo e, conseqüentemente, deixando de contribuir para a formação de uma população leitora.

Entretanto, apesar das adversidades e esquecimentos, uma biblioteca vai muito além dos livros e revistas, suas fronteiras vão além das paredes: é lugar de poesia, encantamento e sonho, é uma outra maneira de estar em diversos lugares. Sobre a grandiosidade da literatura, Compagnon (2009, p. 60) explica-nos que “a literatura deve, portanto, ser lida e estudada porque oferece um meio – alguns dirão até mesmo o único – de preservar e transmitir a experiência dos outros, aqueles que estão distantes de nós no espaço e no tempo, ou que diferem de nós por suas condições de vida”.

2.4 Algumas considerações sobre o diagnóstico

O diagnóstico é, na verdade, uma investigação/avaliação para determinar e compreender um problema em questão e, a partir disso, tentar encontrar soluções, sendo o questionário uma das principais ferramentas de diagnóstico para a pesquisa científica.

A proposta do questionário diagnóstico para ser aplicado nas turmas de 9º ano, das escolas da Rede Municipal de Ensino em Caetité-Bahia, é parte da proposição de elaborar um projeto de intervenção construído a partir de nossa experiência profissional e, sobretudo, que atenda às necessidades dos nossos alunos, considerando, além disso, a orientação do curso de Mestrado Profissional em Letras – Profletras.

A ideia é para, a partir da análise do diagnóstico, pensarmos uma proposta para ajudar a amenizar as dificuldades percebidas no nosso dia a dia de sala de aula, pois, de forma geral, os professores levantam a problemática dos níveis de leitura abaixo do esperado para o ano no qual os alunos encontram-se matriculados, assim como a falta de motivação para a leitura. A partir da sondagem dos alunos, pretendemos desenvolver ações voltadas para a promoção do letramento literário.

A sondagem ocorrerá por meio da aplicação do questionário diagnóstico, assim como da observação das reações e questionamentos dos alunos. A aplicação desse instrumento torna-se necessária a fim de verificarmos dados empíricos, extraídos de conversas informais com alunos e professores e de relatos em reuniões pedagógicas.

Dessa forma, o questionário contempla questões que investigam as experiências de leitura dos estudantes, como têm acesso aos livros que leem, que critérios utilizam na escolha dos livros, se há alguém que os influencie na leitura, se sentem dificuldade na leitura das obras literárias etc. São questões que nos ajudarão a traçar o perfil dos nossos leitores e, a partir dessa análise, construir/reformular nossa proposta de intervenção baseada na promoção do letramento literário com o intuito de formar uma comunidade de leitores.

2.5 Um olhar sobre a prática

Ao trabalharmos textos em sala de aula com nossos alunos, não costumamos refletir sobre os processos que envolvem a atividade de leitura e acabamos pensando que se trata de algo simples. Basicamente, acontece da seguinte maneira: ou o professor seleciona textos do livro didático adotado ou escolhe textos apontados como adequados para determinada série ou determinado ano escolar. Geralmente, a faixa etária dos estudantes não é observada, muito menos é levado em consideração o fato de que cada indivíduo possui uma história de vida, um itinerário construído de forma cultural e social e seu próprio repertório de leituras, que abarca múltiplas subjetividades e diversidades. O que se observa é que toda a experiência de leitura do estudante é descartada, suas recordações literárias, associações, emoções; tudo é abandonado em função da construção da “interpretação escolar” e da realização da “leitura literária”. Assim, Neide Luzia de Rezende (2013, p. 8) discorre sobre a prática de leitura na escola:

Permitir a flutuação das impressões singulares das crianças e dos jovens durante a leitura tem sido – e sempre foi – considerado procedimento incompatível com a escola, inócuo e até mesmo prejudicial ao ensino da literatura, uma vez que remeteria a uma subjetividade sem ancoragem no texto.

O que importa na leitura escolar é o pacto em relação a uma interpretação, enquanto para o leitor é o modo como o texto lhe toca. Apesar de muitas pesquisas acadêmicas e divulgação em livros e revistas sobre novas tecnologias e o ensino de literatura, nas escolas brasileiras pouca coisa mudou. A literatura como está sendo trabalhada não cumpre seu papel: conquistar os não-leitores e os leitores de outros suportes que já não têm familiaridade com o texto impresso. Se não há livros lidos, não há literatura na escola. A culpa recai sobre os estudantes (“não gostam de ler”), quando, na realidade, o problema pode estar no ensino, mais

especificamente nos conteúdos e metodologias, na abordagem formalista que está arraigada no ensino da literatura. Mudando os termos: os alunos resistem à leitura que é proposta pela escola.

Qual o papel da escola nesse domínio entre os direitos do texto e os direitos do leitor? Estamos falando, realmente, da prática da leitura? Da aquisição do gosto e prazer pela leitura? Às vezes, parece que não. A maioria das práticas de leituras escolares deixam pouco espaço para o posicionamento do leitor, a correspondência teoria e prática no ensino de literatura em nossas escolas está longe de ser a ideal.

Ensina-se sobre literatura: são resumos, história da literatura, estilos de época, características e conjunto de obras etc; não há lugar para sua interpretação e seu julgamento pessoal. A liberdade do leitor está longe de ser assegurada. Já o estudo da literatura se reduz a uma acumulação de observações formais. Como é possível desenvolver a sensibilidade dos alunos com uma prática de leitura formal e árida? Apesar de que, desde 2001, a noção de “sujeito leitor” já ser discutida e pensada de uma forma em que esse leitor ganhe equidade no processo de construção de sentidos, a prática no meio escolar ainda se utiliza do modelo de leitura em que o leitor deve se desfazer de julgamentos espontâneos para se submeter ao texto. A leitura escolar não se relaciona com o universo dos leitores; a rudeza com que o texto literário é tratado causa o afastamento dos alunos. Faz-se uma leitura de dissecação, observada, vigiada e cobrada, por isso a falência da leitura, a falência na formação de leitores. É necessário revermos nossas práticas, pois leitura se transmite mais do que se ensina, e é por meio das mediações que nasce o desejo de ler.

Há certa resistência no nosso sistema educacional brasileiro, entretanto, gradativamente, é preciso haver mudanças. Não é possível criar o gosto impondo uma erudição leitora. É preciso cuidar para que a leitura literária permita aos estudantes confrontar suas interpretações para produzir seus julgamentos a fim de elaborar o gosto pessoal. Antes de mais nada, é preciso questionar o modelo como a leitura literária vem sendo definida e praticada no ensino básico, no qual ocorre a exclusão ou, ao menos, a marginalização da subjetividade de leitor. Nesse caso sendo a objetividade quesito indispensável para a recepção da obra. As escolas precisam se apropriar dos textos literários como conteúdo de ensino. Se quisermos formar leitores, será necessário sair do formalismo e tocar a subjetividade do leitor, pois é o leitor que completa o texto, assim como, a cada nova leitura, o leitor já não é o mesmo.

O leitor pode transformar o sentido do texto da mesma maneira como o texto vai modificando o leitor, estabelecendo vínculos e se inscrevendo na vida do sujeito. É preciso

estimular nos alunos a vontade de expor opiniões em relação à leitura, sem, contudo, desprezar o estudo da obra em uma dimensão, às vezes, formal. Nesse contexto, o singular ganha espaço frente ao plural e uniforme tanto requerido por nossas escolas. Em sua abordagem sobre a recepção de obras literárias em sala de aula, Annie Rouxel (2013) faz a distinção entre duas abordagens: interpretar e utilizar. Para ela “a interpretação visa, em verdade, a um consenso sobre um significado. Por sua vez, a utilização remete a uma experiência pessoal, que pode ser igualmente compartilhada” (ROUXEL, 2013, p. 162). Para a escritora, as duas abordagens podem coexistir em diversas atividades, cabendo ao professor administrar a dosagem, até porque fala-se muito da transitividade da literatura, ou seja, é uma linguagem cuja finalidade está nela própria.

2.6 Que leitores queremos formar?

Literatura e oralidade têm uma relação muito próxima, uma vez que, antes mesmo do surgimento da escrita, grandes feitos, histórias, mitos e lendas eram perpetuados por meio da utilização da voz. A prática de contar histórias, sejam essas histórias vividas ou imaginadas, é uma necessidade humana. A partir da aquisição da fala, o ser humano vai desenvolvendo a narração, confirmando o impulso natural de expressar ideias e sentimentos. Em tempos mais remotos, tudo era transmitido oralmente. Com o advento da escrita e, posteriormente, a imprensa, a oralidade perde força, há um declínio na prática dos relatos orais, e a escrita assume a supremacia, gerando grande impacto na expressão cultural.

A narração de relatos é um passo para a escrita e a leitura. Recordar é resgatar um passado, é dar continuidade ao fio da história pelo qual cada indivíduo carrega em si a memória do grupo social a que pertence. O resgate das lembranças de pessoas mais velhas recupera e fortalece os laços com as gerações mais novas. O resgate da memória coletiva contribui para a percepção do passado vivido e vívido. Iniciar nossa proposta de trabalho com o romance histórico *Leocádia* tem o intuito de estimular nos estudantes o desejo de conhecer histórias de seu contexto (de início), envolvendo personagens reais sobre as quais já se ouviu relatos para, depois, aventurar-se em conhecer novas histórias e outras leituras, pois a formação do leitor ocorre, especialmente, a partir do envolvimento nas atividades de leitura literária.

Tentar recuperar o passado é uma maneira de dar sentido à própria existência, utilizar o romance histórico pode dar sentido à leitura. Isso pode e deve ser feito nas escolas por meio de atividades que envolvam a contação de histórias, realização de oficinas de leitura e análises de

textos literários, ao mesmo tempo em que são aplicadas atividades de leitura em que seja possível analisar as marcas de subjetividade dos alunos no texto lido. Ler apenas para interpretar é ler em liberdade vigiada, buscando somente a intencionalidade do autor. A leitura de fruição pede mais que isso: nela, o leitor estabelece um pacto com o texto, extrapolando-o.

O ato de aprender com o texto não deve torná-lo desagradável e nem subjugar o ato de ler. É possível, sim, realizar a leitura de fruição (leve, prazerosa) e, concomitantemente, a leitura de interpretação (atenta às profundezas do texto), ao mesmo tempo explorando os sentidos imediatos da obra e revelando os segredos dos signos. As duas abordagens da leitura possuem fronteiras tênues e uma não exclui a outra. Nossa proposta é vivenciar experiências de leitura e não puramente a interpretação, ao mesmo tempo mesclando distância e proximidade, o significado para si e para o outro, um trabalho partindo do singular para o plural e vice-versa.

Porém, geralmente o que se faz na escola ao se trabalhar com literatura é uma análise e interpretação de textos, ou seja, leitura analítica. Diferente dessa abordagem, desde 2001, vem ganhando espaço como alternativa no ensino de literatura a leitura cursiva, que é mais pessoal, autônoma e livre de pressão avaliativa, na qual o leitor tem um papel ativo, complementando o texto e se envolvendo de forma pessoal com a leitura. A leitura cursiva é mais flexível, permite ao leitor absorver o sentido a partir do todo, há espaço para a liberdade, não existindo a figura do leitor modelo/idealizado, mas leitores reais.

Nossa proposta de formação de leitores busca considerar a subjetividade do aluno no trabalho com a literatura. Essa leitura subjetiva pondera as marcas que cada indivíduo carrega: de outras leituras, experiências de vida, do desenvolvimento da personalidade, enfim, dos elementos que ajudam a despertar um leitor. De acordo com Rosiane Xypas (2018), a formação do leitor acontece a partir da maneira como o leitor é envolvido na atividade de leitura e do seu envolvimento na reapropriação e ressignificação do texto, atuando ativamente no processo de construção de sentidos e aumentando a intimidade com a obra. Ela diz ainda que para formar leitores é preciso que os professores mudem os hábitos de análises das leituras:

Retomo meu pensar sobre o agir professoral. Este não deve se concentrar ou se contentar com as perguntas evasivas de livros didáticos – sobre o que o eu lírico e o personagem faz, pensa e sente. Agindo dessa maneira, o professor-mediador contribuirá essencialmente para o desengano da formação do leitor de texto literário. Mas, se se optar por um agir professoral voltado para a tomada de consciência das construções de sentidos no texto literário explicitando as subjetividades do sujeito-leitor, elevaremos esta atividade na vida escolar. Porque o aluno pode aprender todos os dias a construir a vida com sentidos, na medida em que não se sente mais um mero repetidor de formas e reconhecedor de gêneros na atividade leitora (XYPAS, 2018, p. 177-178).

Excluir o leitor nos estudos literários não é algo novo, prevalecendo a abordagem dos textos como objetos de análise neutros. No entanto, é a subjetividade que dá sentido para a leitura. Em uma leitura subjetiva, a intertextualidade acontece não apenas nos textos, mas também com o leitor. Na relação com a obra, ocorre o encontro e a exploração do leitor com ele mesmo e por ele mesmo. O leitor subjetivo faz uso de suas experiências de leitura e introduz vivências diferentes ao ler cada obra. Sendo assim, todo texto é um intertexto que advém de uma multiplicidade de obras, resultado das experiências de leitores empíricos. Nesse processo de leitura, há o cruzamento e o confronto entre solidão e socialização, interioridade e exterioridade, em uma ação de elaboração identitária, que é uma das consequências substanciais da leitura. É esse leitor real que está no centro da experiência subjetiva com a literatura e que sente, também, a necessidade da interação, por isso a importância de uma comunidade que favoreça as trocas sobre as leituras comuns e as novas que surgirão a partir dessa interação. Contudo, não é tão fácil despir-se da velha roupagem que há muito é utilizada nas aulas de leitura literária. Marlène Lebrun (2013) nos fala sobre a importância de se formar o leitor intérprete e, ao mesmo tempo, da dificuldade de tal tarefa:

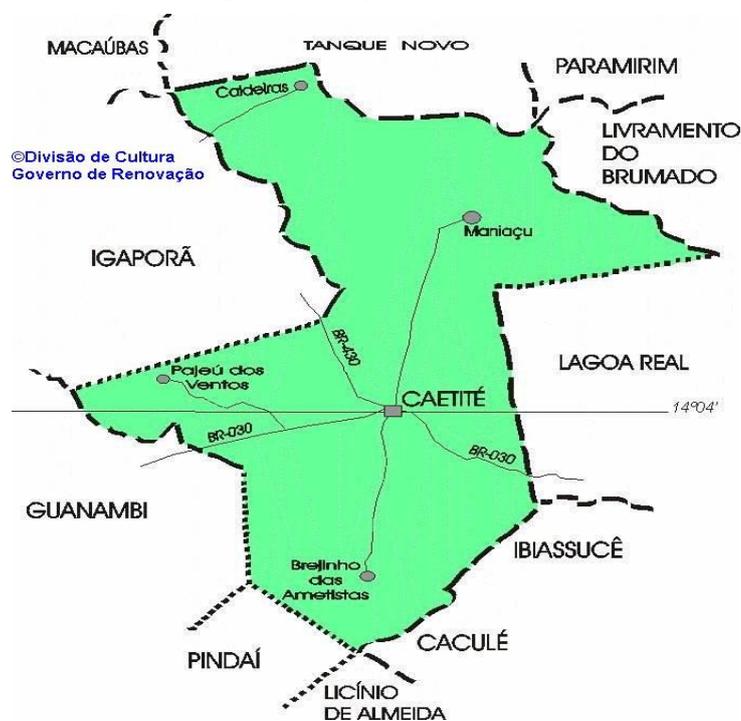
Quando nos defrontamos com textos literários cuja riqueza vem da pluralidade e da ambiguidade de sentidos, mas estamos na posição do professor – detentores de um saber sobre os textos e convencidos inclusive de que há limites para a interpretação e de que todos os sentidos não se equiparam, de que certas interpretações são mais legítimas que outras –, como deixar que os alunos construam seus sentidos? O desafio de uma didática da leitura literária é tamanho: trata-se de formar um leitor intérprete autônomo capaz de se apropriar pessoalmente dos textos e de dar sentido a suas leituras (LEBRUN, 2013, p. 137).

3 O CONTEXTO, OS PARTICIPANTES, MÉTODO E METODOLOGIA

3.1 Contexto

O município de Caetité, situado a 636km da capital Salvador, estado da Bahia, possui uma população aproximada de 50.975 habitantes em 2019, com uma área de 2.651,536km², conforme o IBGE (2020). No entanto, sua extensão territorial já atingiu os territórios de muitos municípios, incluindo Guanambi, Igaporã, Lagoa Real, Pindaí, Licínio de Almeida, entre outros.

Figura 1: Mapa do município de Caetité - BA



Fonte: GEOCITIES³.

Esse pequeno município é palco de dificuldades sociais nas áreas de saúde, educação, segurança pública, emprego e lazer. Tais problemas foram se desenvolvendo ao longo dos anos, provenientes da falta de políticas públicas que assegurassem à comunidade condições de se desenvolver, gerar renda e trabalho de maneira a garantir ao homem do campo a sua permanência e fixação na zona rural. É nesse contexto de dificuldades e desafios que as escolas de ensino fundamental da rede municipal estão inseridas. Como sabemos ser a escola um

³ Disponível em: <http://www.geocities.ws/caetitecultura/imagens_mapas.html>. Acesso em: 12 fev. 2020.

reflexo da sociedade, essa instituição perpassa por toda a agonia que as “faltas” referenciadas trazem como consequência, fazendo de sua existência uma busca constante de ações, de forma a equilibrar esse processo.

Muitos são os desafios a serem vencidos pela organização escolar a fim de alcançar as mudanças necessárias para a efetivação de uma escola adequada ou, no mínimo, uma escola que atenda de modo satisfatório aos anseios da sociedade local e seus respectivos segmentos, essa se configura como a meta principal daqueles que atuam no processo educacional do município de Caetité e, bem como queremos crer, de todos os que se preocupam com o futuro de nosso país.

No que diz respeito a problemas de ordem imediata, pais, alunos, professores e funcionários são unânimes em apontar as condições estruturais das escolas da rede municipal como urgência primeira a ser atendida, posto que a falta de estrutura física (necessidade de ampliação e reformas) compromete as atividades escolares, limitando as propostas dos educadores e o desenvolvimento dos alunos.

O currículo escolar comporta, através da elaboração de um plano de ação (projetos), a função de trabalhar aspectos do crescimento pessoal (valores), transpondo o mundo real para o espaço escolar e discutindo temas políticos, sociais e as mudanças de valores que são de suma importância para as relações humanas. Cabe ao professor orientar e dirigir o processo de ensino-aprendizagem, inclusive modificando o próprio currículo de acordo com as aptidões, os interesses e as características culturais dos educandos.

Contudo, em 2020, os municípios baianos estão trabalhando no Programa de (Re) Elaboração dos Referenciais Curriculares a fim de promover o aperfeiçoamento do Sistema da Educação Básica e efetivar o sucesso da escolarização dos estudantes. Tais referenciais têm como premissa a resignificação do currículo, tornando-o mais contextualizado com as identidades de cada território baiano, observando as diversidades e singularidades de cada município, onde procura-se valorizar a diversidade a fim de empreender o desenvolvimento integral do educando por meio da atribuição às escolas do desenvolvimento de competências voltadas à contextualização, ao aprofundamento e à construção de singularidades e pluralidades dos territórios e municípios, fortalecendo o sentimento de pertencimento.

Os documentos que orientam a (re)elaboração dos referenciais curriculares são o Documento Curricular Referencial da Bahia (para educação infantil e ensino fundamental) e a Resolução CEE nº 137/2019, que também traz em seu texto, na Seção 1 – Das Definições Gerais – competências para assegurar uma formação integral do indivíduo, que pressupõe garantir o

desenvolvimento humano em todas as suas dimensões: intelectual, física, afetiva, social e cultural.

Para contemplar todas as competências, ou a maior parte delas, é necessário um maior tempo escolar, é preciso que a educação integral seja implantada e/ou expandida. O município de Caetité já começou esse trabalho ainda de maneira tímida, pois falta principalmente estrutura física nas escolas. Teve início com o Programa Mais Educação e está iniciando a implantação da Educação em Tempo Integral no ano de 2020 em uma das escolas da rede.

Uma característica das escolas de ensino fundamental II da rede municipal de Caetité é que elas se concentram, em sua maioria, na zona rural. São oito escolas no total, com 1729 alunos matriculados, mas apenas duas estão situadas na zona urbana.

Quadro 3: Relação de escolas da Rede Municipal de Educação que ofertam o Ensino Fundamental II

UF BA
Município Caetité

Localização / Zona da Escola	Código e nome da escola	Ensino Fundamental II		
		Ensino Regular	Educação Especial *	Total
Urbana	29242282 - GRUPO ESCOLAR SENADOR OVIDIO TEIXEIRA	286	13	299
Rural	29334640 - ESCOLA DE 1º GRAU PROFA NUNILA IVO FROTA	207	2	209
Rural	29334810 - ESCOLA DE 1º GRAU PROFª EMILIANA NOGUEIRA PITA	110	4	114
Rural	29334942 - GRUPO ESCOLAR DEPUTADO LUIS CABRAL	167	0	167
Rural	29335019 - ESCOLA DE 1º GRAU DOM MANOEL RAIMUNDO DE MELO	142	7	149
Urbana	29397936 - GRUPO ESCOLAR MANOEL LOPES TEIXEIRA	237	7	244
Rural	29433576 - COLEGIO MUNICIPAL DE 1º GRAU ZELINDA CARVALHO TEIXEIRA	424	5	429
Rural	29447631 - GRUPO ESC VEREADOR CLEMENTE FERREIRA DE CASTRO	117	1	118
--	TOTAL	1690	39	1729

Fonte: Inep/MEC⁴.

Figura 2: Grupo Escolar Senador Ovídio Teixeira



Fonte: Arquivos da pesquisadora, 2020.

Figura 3: Escola Municipal Professora Nunila Ivo Frota



Fonte: Arquivos da pesquisadora, 2020.

⁴ Disponível em <<http://matricula.educacenso.inep.gov.br/>>. Acesso em: 12 fev. 2020.

Figura 4: Escola Municipal Professora Emiliana Nogueira Pita



Fonte: Arquivos da pesquisadora, 2020.

Figura 5: Escola Municipal Deputado Luís Cabral



Fonte: Arquivos da pesquisadora, 2020.

Figura 6: Escola Municipal Manoel Teixeira Lopes



Fonte: Arquivos da pesquisadora, 2020.

Figura 7: Escola Municipal Dom Manoel Raimundo de Melo



Fonte: Arquivos da pesquisadora, 2020.

Figura 8: Escola Municipal Zelinda Carvalho Teixeira



Fonte: Arquivos da pesquisadora, 2020.

Figura 9: Escola Municipal Vereador Clemente Ferreira de Castro



Fonte: Arquivos da pesquisadora, 2020.

Cada uma das outras seis escolas está situada em um distrito, com economia e costumes distintos, entretanto um problema comum identificado é o crescente distanciamento da família (pais e/ou responsáveis) que é apontado como empecilho no sucesso da escolarização dos estudantes. A pesquisa Retratos da Leitura no Brasil 4 também demonstra que o gosto pela leitura vem da infância e é influenciado por mães e pais, ou seja, a família exerce um papel fundamental para estimular o interesse pela leitura. A pesquisa também revela que o potencial influenciador da família está relacionado à escolaridade dos pais e ao nível socioeconômico.

Por buscarem frequentemente oportunidades de empregos no corte de cana ou outros trabalhos similares, alguns pais de alunos do município abandonam suas famílias e vão buscar trabalho e melhores condições de vida. O enfraquecimento ou, em muitos casos, a perda dos valores e dos princípios básicos para as relações humanas em sociedade, já antes citados, surge a partir dessa nova modalidade de família, em que filhos se transformam em pais, enquanto pais se transformam em meros provedores, alheios às necessidades e à educação de seus filhos. Na escola, essas perdas se refletem nos conflitos diários entre alunos/professores e alunos/funcionários, na falta de compromisso com que muitos alunos se portam durante o ano letivo, na dificuldade de concentração nas aulas, na falta de respeito com os funcionários da escola em geral, na dificuldade de relacionamento com o outro, na intolerância e nos preconceitos de várias ordens no espaço escolar.

Esse modelo de família anteriormente descrito abriga outra característica que muito compromete seus filhos (nossos alunos) e que merece ser aqui citado, pois resulta em uma das deficiências também diagnosticadas como necessidade a ser sanada, que é a evasão e a repetência causadas pelo constante processo de êxodo a que essas famílias se submetem. É essa a razão mais constante da evasão e repetência sofrida na rede municipal, sem, no entanto, desmerecer outras causas que também resultam em tal problema.

3.2 Participantes

O projeto será desenvolvido com alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, da Rede Municipal de Ensino.

3.3 Explicitação do contexto da pesquisa

As escolas do Ensino Fundamental II da rede municipal de Caetité obtiveram o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) 3,7 no ano de 2019⁵. Os dados mostram também que houve queda do Ideb e está longe de alcançar a meta 6,0, ou seja, nossas escolas têm o desafio de garantir mais alunos aprendendo e com um fluxo adequado, que é outro fator que carece de melhorias: as escolas que ofertam os anos finais do ensino fundamental obtiveram um Fluxo Indicador de 0,68; em outras palavras, de cada 100 alunos matriculados, 32 não foram aprovados, o que é muito. É um estado de alerta e atenção, pois não adianta apenas garantir a matrícula, é necessário promover também o aprendizado efetivo.

As escolas do Ensino Fundamental II nos distritos foram criadas para, além de ampliar a oferta de ensino regular, implementar a permanência dos educandos em sua comunidade e no seio familiar, evitando, dessa forma, o deslocamento para a sede do município para a continuidade da formação acadêmica devido à falta das séries subsequentes. Iniciou-se um programa de interiorização do Ensino Fundamental de 5ª a 8ª série na zona rural do município, facilitando bastante, pois o deslocamento passou a ser menor, uma vez que, agora, são os professores que se deslocam para os distritos.

As escolas da rede municipal contam com amplos espaços na parte externa, permitindo o desenvolvimento de atividades extraclasse, pois tratam-se de áreas arejadas e arborizadas. Os equipamentos existentes são o mobiliário escolar, mobiliário administrativo, utensílios da cantina e merenda escolar e equipamentos eletrônicos (TVs, data show, computadores da parte administrativa, som, caixas amplificadoras, antena parabólica). Todos os equipamentos são utilizados no dia a dia das escolas, possibilitando o bom funcionamento diante de todas as suas necessidades administrativas e pedagógicas. Convém destacar, porém, que nenhuma dessas escolas possui internet ou telefone e algumas ainda não dispõem de quadra poliesportiva nem de biblioteca. Mesmo as que possuem biblioteca necessitam de um espaço maior e também acervo atualizado, os quais possibilitariam ao aluno, professor e comunidade a pesquisa e leitura dentro do espaço da biblioteca.

Outra necessidade das instituições é a adequação da estrutura física para o atendimento a alunos com necessidades especiais (construção de rampas, adequação de salas e sanitários, mobiliário etc.) tendo em vista a política educacional de inclusão desses estudantes no âmbito escolar regular, promovendo a inclusão de todos dentro da educação pública.

⁵ Dados do Ideb/Inep (2019). Disponível em <inepideb.inep.gov.br>.

3.4 Objeto da pesquisa

Nosso objeto de pesquisa são os hábitos de leitura dos alunos do 9º ano da rede municipal de educação. Após fazermos esse levantamento, buscaremos interferir no sentido de ampliarmos os conhecimentos literários desses estudantes.

3.5 Método

Como projeto de dissertação para o Profletras, pretendemos trabalhar “O conhecimento da história local como recurso para o letramento literário: *Leocádia* - história de uma menina, retrato de uma época”. Dessa forma, é possível intervir no sentido de oportunizar aos estudantes o desejo de conhecer a história da região em que vivem, uma história que é contada pelo autor, mas que é de todos os guanambienses, pois é fruto de narrativas orais contadas pelos mais velhos. Depois, a partir da obra *Leocádia*, ampliar a bagagem literária desses alunos.

Nesse projeto, a pesquisa terá caráter de pesquisa-ação, pois um dos objetivos do Profletras é levar o professor a pensar de forma reflexiva e crítica sobre sua prática, intervindo de modo a torná-la mais eficaz, ou seja, é uma pesquisa de intervenção. A pesquisa-ação envolve teoria e prática, investigação e intervenção, exigindo a participação ativa do pesquisador, tornando-se, assim, adequada para o trabalho investigativo no Profletras.

A pesquisa a ser realizada pode ser classificada como exploratória, tendo como meta proporcionar maior familiaridade com o problema a fim de torná-lo mais explícito ou para esboçar hipóteses. Nela, serão feitas consultas bibliográficas, entrevistas e também pesquisas de campo.

O método a ser utilizado será o hipotético-dedutivo. A escolha do método justifica-se pelo fato de os acontecimentos históricos não determinarem verdades absolutas, pois eles podem e devem ser questionados. O método hipotético-dedutivo busca o confronto dos fatos, a verificação das hipóteses e a realização de observações.

É importante destacar que – devido à crise sanitária que se instalou em todo o mundo, dificultando a realização das atividades presenciais e, conseqüentemente, o desenvolvimento das ações no momento atual e devido à Resolução de N° 003/2020 (Conselho Gestor), de 02 de junho de 2020 (Ver Anexo C), que define as normas sobre a elaboração do Trabalho de Conclusão do Curso para a sexta turma do Profletras – esta pesquisa terá caráter propositivo e será desenvolvida com a elaboração de um caderno pedagógico com atividades sugestivas para

serem desenvolvidas com estudantes do Ensino Fundamental II. Considerando ainda que a pesquisa-ação é interativa, sugerimos que, ao desenvolver as ações, haja interação entre todos os envolvidos no processo.

3.6 Metodologia

Como pretendemos trabalhar com leitura/literatura, a metodologia de delineamento qualitativo é a abordagem mais apropriada, uma vez que pretendemos investigar os hábitos de leitura de textos literários dos alunos do Ensino Fundamental e, a partir da análise dos dados, realizar um projeto de intervenção, tendo como ponto inicial o trabalho com o romance histórico *Leocádia*. Nos últimos anos, a pesquisa de abordagem qualitativa vem sendo adotada como estratégia para uma compreensão mais satisfatória dos problemas educacionais. Associa-se a essa linha a pesquisa-ação, uma vez que o pesquisador tem participação no ambiente pesquisado, ou seja, é a união da pesquisa com a prática, com o propósito de melhorar a situação inicial.

Na metodologia qualitativa, os dados não são mensurados de forma numérica, ou seja, eles têm caráter subjetivo, indo de encontro à forma tradicional de fazer pesquisa. A pesquisa qualitativa permite a formulação de hipóteses antes da coleta dos dados, tem caráter exploratório e valoriza o aspecto subjetivo, como também o ponto de vista do pesquisador. Tem como objetivo responder as hipóteses levantadas. Sendo assim, após pesquisa bibliográfica, consulta de autores que discorrem sobre leitura, letramento, importância da literatura, conceituação de história, memória e esquecimento, iniciaremos o trabalho com um questionário diagnóstico e uma análise do perfil leitor de nossos estudantes. Após essas etapas, iniciaremos as oficinas que têm como objetivo final inserir os educandos no universo da leitura.

3.7 Técnicas de pesquisa

Nossa pesquisa terá uma linha etnográfica, pois haverá pesquisa de campo. Além do trabalho em sala de aula, vivenciando a rotina dos estudantes, estaremos imersos no ambiente de pesquisa, fazendo observações, anotações e entrevistas, com o intuito de coletar informações para subsidiar as histórias locais e, assim, dar andamento ao letramento literário.

Para coletar dados para a dissertação do Profletras, pretendemos utilizar a observação participante, ou seja, estaremos vivenciando/observando diariamente as atividades de/com os alunos.

Serão realizadas leituras, conversas com pessoas envolvidas na produção do filme *Leocádia* e também com moradores do local onde a jovem protagonista do romance foi enterrada. Para isso, serão utilizados questionários e formulários. Tais atividades acontecerão em classe e também em horário extraclasse com a finalidade de explorar e avivar as memórias, ou seja, as atividades têm por objetivo tornar a história regional mais concreta para os estudantes, bem como valorizar as experiências e os saberes esquecidos e marginalizados.

Acreditamos que seja bastante viável para a pesquisa a entrevista despadronizada ou não estruturada, levando em consideração que teremos mais liberdade para explorar o objeto de pesquisa.

4 PLANO DE TRABALHO

4.1 Traçando os caminhos

A primeira pergunta a ser respondida quando nos propomos a realizar um trabalho com leitura é “Como nos tornamos leitores?”; de fato, não há uma única resposta. Contudo, é fato também que, em grande parte, é uma questão de meio social. A criança que ouve histórias desde os primeiros meses de vida tem mais facilidade no desenvolvimento da atenção e da fala. Com o passar do tempo, desenvolve mais facilmente também a riqueza vocabular e desenvoltura social, pode começar aí a revelar-se leitora. Considerando-se esse significativo fator, para crianças e adolescentes oriundas de localidades carentes ou rurais, os obstáculos são maiores, pois não vivenciam o contato com livros e suas narrativas. Todavia, apenas o contato com livros não faz com que uma pessoa se torne leitora.

O gosto pela leitura não surge da fácil proximidade com os livros. O papel preponderante nesse contexto é do mediador, que pode ser um familiar, um professor ou um bibliotecário. É aquela pessoa que consegue despertar leitores, transmitindo o encantamento e paixão pelos livros, impregnando a leitura de emoções e coisas positivas ao conduzir o leitor a outros mundos, fazendo a ponte com o imaginário, este que, conforme Michèle Petit (2009), “[...] não é algo com que se nasce. É algo que se elabora, se desenvolve, se enriquece, se trabalha...”.

Ocorre que, muitas vezes, esse papel intermediário no trabalho com leitura acaba gerando ambiguidade e trazendo resultados opostos ao desejado, causando ainda mais desigualdade no processo de aquisição/gosto pela leitura, uma vez que essa habilidade não é adquirida por todos que frequentaram a escola. Ao buscar sanar ou reduzir problemas relacionados à leitura, ocasionalmente, o trabalho se torna uma imposição e até mesmo enfadonho, provocando rejeição ao texto literário, ficando a leitura comprometida. Outra falha nesse processo ocorre quando são listadas as melhores obras ou aqueles autores que não se pode deixar de ler. Com literatura, não pode e não deve ser tão simples assim; ao contrário, não há um consenso quando se trata de gosto e, especialmente, de gosto literário. Podemos perceber essa diversidade ao observar o quadro seguinte:

Quadro 4: Livros considerados marcantes para os entrevistados

Livro mais marcante: os mais citados

Os mais citados	2007	2011	2015
	Classificação		Números absolutos
Bíblia	1°	1°	482
A culpa é das estrelas	-	-	56
A cabana	-	2°	44
O pequeno príncipe	5°	5°	41
Cinquenta tons de cinza	-	-	32
Diário de um banana	-	-	30
Turma da Mônica	-	-	26
Violetas na janela	9º	9º	25
O Sítio do Pica-pau Amarelo	2°	4°	23
Crepúsculo	-	7°	19
Ágape	-	3°	18
Dom Casmurro	7°	6°	15
O Alquimista	10°	16°	14
Harry Potter	4°	8°	14
Meu pé de laranja lima	-	-	14
Casamento blindado	-	-	13
Vidas secas	-	22°	13

Fonte: Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, 4ª Edição, 2016.

Nem sempre o que é melhor para um aluno é também para toda a classe. O que a escola precisa fazer é ensinar a ler e a gostar de literatura. Ao se pensar em literatura é necessário, antes de tudo, refletir sobre o significado de texto literário, pois qualidade literária não é um critério absoluto, tampouco a definição de literatura é algo universal e objetivo, mas sim histórico e cultural. A literariedade é constituída também por elementos externos ao texto, como nome do autor, critérios críticos em vigor, mercado editorial, grupo social etc. O que se considera literatura atualmente não é o que se considerava em outros períodos. Uma história que cativa um adolescente não é a mesma que emociona seu professor e, provavelmente, não será a preferência de um crítico literário. Aos trocarmos os indivíduos, mudamos as escolhas.

A opinião estética e o gosto literário se modificam de acordo com a idade, sexo, círculo social, formação cultural e época. A imposição e uniformização podem não gerar os resultados desejados e esperados; é importante estar receptivo e disponível para propor descobertas, pois o ensino de literatura não deve estar a serviço da neutralização ou nivelamento. Não estamos propondo que se abandone a leitura do texto literário canônico, pelo contrário, as escolas podem e devem discuti-lo e compará-lo com os livros preferidos e conhecidos pelos alunos, não para

indicar melhores ou piores, mas sim para dar espaço à diversidade e, muito provavelmente, alargar as opções dos estudantes. A escola que ignora o mundo subjetivo de seus alunos pode estar fadada ao fracasso. Leitura é integração, lazer, prazer, cultura, mas é também subversão. Ler é rebelar-se! É assim que Michèle Petit (2009, p. 216) se posiciona sobre a uniformização da leitura:

Enquanto nos mantivermos no registro de um panteão a ser visitado, como vimos, todo mundo bocejará de tédio. Mas quando possibilitarmos encontros singulares com esses mesmos textos – ou com outros –, a batalha estará ganha. A apropriação é um assunto individual: um texto nos apresenta notícias sobre nós mesmos, nos ensina mais sobre nós, nos dá as chaves, as armas para pensarmos sobre nossas vidas, pensarmos nossa relação com o que nos rodeia.

É relevante destacar que a prática de leitura realizada pela escola deve ocorrer em um ambiente de maior liberdade possível, considerando, ao menos no início, a relação de desejo ou aversão dos leitores por determinadas obras, pois não há um modelo, uma lista, uma receita para formar leitores. É preciso oportunizar encontros singulares com obras que dialoguem com o leitor em particular. Por isso, é preciso haver liberdade: a leitura não pode e não deve aprisionar!

Entretanto, nem sempre foi assim: a leitura na escola já esteve associada ao medo, pois o livro e a palmatória eram as ferramentas daqueles que ensinavam a ler. Cabia à leitura moldar e controlar os indivíduos, mas é impossível controlar como um texto será lido e compreendido, pois o leitor não é passivo; está aí a magia da leitura: é ela quem revela o leitor. A leitura não é inofensiva, sua propriedade mais conhecida é a de mecanismo para acesso ao saber, aos conhecimentos formais, transformando as linhas do destino escolar, profissional e social, no entanto o poder da leitura vai muito além, pois a literariedade não está apenas no texto. A leitura pode favorecer na concepção de uma representação mais fecunda e mais complexa dos indivíduos, abrindo o espaço do imaginário e expandindo o repertório de identificações, revelando os seres, tornando-os um pouco mais donos de seus destinos. Contudo, não podemos ser ingênuos: a leitura cria um grande número de condições favoráveis para o desenvolvimento e o exercício da cidadania; favoráveis, mas não suficientes.

Nossa proposta de trabalho pretende melhorar problemas detectados no contexto das escolas da rede municipal de Caetité - BA, como a falta de estímulo para a leitura, baixa proficiência leitora e até mesmo a falta de acesso a obras literárias. Uma obra de grande

relevância neste trabalho foi *Letramento Literário: teoria e prática*, de Rildo Cosson (2007). Como nosso foco é o ensino fundamental, optamos pela sequência básica, cujas etapas são a motivação, introdução, leitura e interpretação. Nessas etapas, o papel do professor como mediador do processo de letramento literário é substancial.

4.2 História(s) em detalhe

A história local/regional está intimamente conectada com as histórias do cotidiano das pessoas comuns. São narrativas, aparentemente, desprovidas de importância, mas que contribuem para o entrecruzamento de histórias tanto do presente quanto do passado, assim como para o resgate da identidade histórica e social.

Em nosso trabalho, procuramos contemplar as histórias vivenciadas e/ou ouvidas pelos moradores de algumas comunidades do distrito de Maniaçu, em Caetité – Bahia. Dessa forma, trouxemos para nossa pesquisa alguns textos produzidos para a Olimpíada de Língua Portuguesa, que trabalhou o tema “O lugar onde vivo”. A proposta para o 8º ano no caderno “Se bem me lembro...” era a produção de memórias literárias. Assim sendo, nossos estudantes realizaram entrevistas com pessoas mais velhas da comunidade, a fim de coletar os relatos, para em seguida transformar essas entrevistas em memórias literárias. Desse modo, ao resgatarmos os textos e levarmos as histórias da comunidade para a escola, os estudantes poderão se reconhecer como parte dessas histórias, refletindo sobre práticas e valores pertencentes à sua localidade, à sua região e à sociedade como um todo, contextualizando as vivências individuais e coletivas.

As memórias literárias se aproximam dos textos históricos, pois narram uma realidade vivida; em contrapartida, assemelham-se ao romance, porque provêm de um trabalho literário. Ao trazermos as memórias literárias produzidas em anos anteriores, temos o propósito de valorizar a oralidade e as histórias de vida, estabelecendo conexões com a história e a literatura, ou seja, tentaremos avivar a história de vida individual e coletiva e, ao mesmo tempo, provocar os estudantes a desejarem conhecer outras narrativas. Apresentando textos com os quais se identificam, poderão usufruir de leituras mais próximas da sua realidade e também da sua habilidade de interpretação, o que pode fazer com que se sintam estimulados a empreender novas investidas em obras diferentes, capazes de alargar sua criatividade e seu conhecimento de mundo.

Esperamos que nossa proposta de trabalho consiga despertar e motivar os estudantes e, a longo prazo, a comunidade a encontrarem o interesse e o prazer pela leitura, bem como desenvolver habilidades e competências para se tornarem leitores autônomos e competentes. Considerando ainda nosso objetivo maior, que é formar uma comunidade de leitores, esperamos trazer as pessoas da comunidade para conhecerem e se engajarem em nossa proposta de letramento literário.

4.3 Estrutura do plano de trabalho

O plano de ação deve ser definitivamente elaborado após a análise dos dados do diagnóstico. Apresentamos, contudo, uma versão provisória:

<p>ESCOLA: Escolas do ensino fundamental II da Rede Municipal de Ensino de Caetité</p> <p>TURMA: 9º ano do ensino fundamental</p> <p>OBJETIVO: Promover o desenvolvimento do letramento literário</p> <p>PARTICIPANTES ENVOLVIDOS: Professores do 9º ano, pesquisadora e alunos do 9º ano do Ensino Fundamental</p>				
Ações	Objetivos	Recursos	Detalhamento das ações	Carga horária
1- Apresentação do Projeto	<ul style="list-style-type: none"> Traçar o perfil leitor dos estudantes; Perceber a importância da leitura; Motivar os alunos a iniciarem o processo de leitura; Refletir sobre as memórias da região e personagens vivos nas lembranças das pessoas. 	<p>Vídeo sobre leitura;</p> <p>Material impresso;</p> <p>Vídeo: Mãos Talentosas (recorte).</p>	<ul style="list-style-type: none"> Conversa informal sobre a importância da leitura; Exibição de vídeo; Apresentação da proposta; Realização do <i>Quiz</i>: Qual o seu perfil leitor? 	2h/aula
2- Início da leitura	<ul style="list-style-type: none"> Valorizar a experiência das pessoas mais velhas; 	<p>Cópias do romance <i>Leocádia</i>.</p>	<ul style="list-style-type: none"> Conversa informal; Discussão sobre o povoamento da região; Entrega das obras; 	2h/aula

	<ul style="list-style-type: none"> • Compreender o que é memória; • Refletir sobre as memórias da região e personagens vivos nas lembranças das pessoas; • Observar que as memórias podem ser registradas oralmente e por escrito. 		<ul style="list-style-type: none"> • Leitura conjunta com os alunos. 		
3- Acompanhamento da leitura	<ul style="list-style-type: none"> • Analisar a relação entre a obra estudada e as histórias contadas pelos moradores da região; • Dar continuidade ao processo de letramento; 	Cópias do romance <i>Leocádia</i> .	<ul style="list-style-type: none"> • Dinâmica para motivação; • Aplicação de atividade de acompanhamento da leitura; • Finalização da leitura da obra em classe; 	2h/aula	
4- Exibição fílmica	<ul style="list-style-type: none"> • Compreender a linguagem utilizada na obra <i>Leocádia</i>; • Relacionar os diferentes contextos e personagens da obra com sua releitura para o cinema; • Perceber que o filme é uma releitura e não tem o compromisso de retratar a obra de forma fidedigna. 	Filme <i>Leocádia</i> .	<ul style="list-style-type: none"> • Discussão Inicial; • Exibição do filme. 	3h/aula	
5- Preparação de roteiro para entrevista	<ul style="list-style-type: none"> • Aproximar os estudantes dos livros de autores locais, despertando a curiosidade e o interesse pela escrita e pela leitura; 	Obras literárias; Material do aluno.	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação das obras literárias; • Divisão da turma em grupos; • Elaboração do roteiro de entrevista. 	2h/aula	

	<ul style="list-style-type: none"> • Preparar os roteiros de perguntas que serão feitas aos escritores; • Instruir os alunos para a entrevista. 				
6- Entrevista com escritores	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer o processo de escrita e o ofício de escritor, a partir do relato das experiências de autores que nasceram ou vivem na região; • Ampliar o conhecimento sobre as memórias locais; • Perceber a importância da leitura. 	Obras literárias; Material do aluno; Data show.	<ul style="list-style-type: none"> • Conversa informal; • Apresentação dos escritores; • Entrevista realizada pelos alunos. 	2h/aula	
7- Visita aos locais onde aconteceram os fatos narrados no romance <i>Leocádia</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer locais onde a história se passou, a fim de experienciar a narrativa; • Coletar mais informações sobre a história/lenda de Leocádia. 	Micro-ônibus; Material do aluno.	<ul style="list-style-type: none"> • Conversa informal; • Aula de campo. 	3h/aula	
8- Apresentação do Baú Literário	<ul style="list-style-type: none"> • Dar continuidade ao processo de letramento; • Escolher obra para leitura; • Aprender a elaborar critérios a partir da análise do livro; • Ser capaz de argumentar e de formular um julgamento de gosto; 	Livros diversos.	<ul style="list-style-type: none"> • Organização da sala em círculo e abertura do baú; • Escolha das obras para leitura; • Início da leitura da nova obra. 		

	<ul style="list-style-type: none"> • Escolher e eleger com conhecimento de causa. 				
9- Acompanhamento da leitura	<ul style="list-style-type: none"> • Dar continuidade ao processo de letramento; • Acompanhar e sistematizar o processo de leitura; 	<p>Livros diversos; Dicionários da Língua Portuguesa.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Conversa informal; • Discussão sobre o processo de leitura; • Continuação da leitura. 	2h/aula	
10- Encerramento do Projeto	<ul style="list-style-type: none"> • Aprender a elaborar critérios a partir da análise de um livro; • Avaliar a contribuição do projeto para o incentivo à leitura. 	<p>Baú com livros para serem doados à biblioteca da escola; Material impresso.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Conversa informal sobre a importância de continuarem realizando leituras; • Aplicação de avaliação do Projeto de Leitura; • Reaplicação do <i>Quiz</i>: Qual o seu perfil leitor? Entrega do Baú Literário a um representante da turma. 	2h/aula	
Fonte: Elaboração Própria					

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A falta de leitura é um problema que aflige diversos setores da sociedade, em especial os pais, os professores, os escritores, as editoras, os meios de comunicação e até mesmo o governo. Também não é uma questão fácil de ser resolvida, tampouco a resolução se dará a curto prazo. Para transmitir o gosto pela leitura, é preciso ser leitor, ou seja, sentir o prazer de ler. Com o intuito de minimizar esse problema, procuramos neste trabalho apresentar uma proposta para motivar a formação de leitores. Partimos da problematização de que grande parte dos alunos do ensino fundamental II da Rede Pública Municipal de Ensino de Caetité – BA não demonstra interesse por livros literários. Baseamo-nos, de início, em dados empíricos provenientes de conversas em reuniões pedagógicas, com coordenadores pedagógicos e professores, como também no nosso cotidiano de trabalho. Entretanto, sugerimos a aplicação de um questionário diagnóstico antes de iniciar as oficinas.

Escolhemos iniciar o projeto de fomento à leitura por meio do avivamento da memória coletiva. Também sugerimos a discussão sobre memória e história para, em seguida, dar início ao trabalho com o romance histórico. Essa sequência de reconstrução de identidade e valorização da história local/regional é importante, pois é aqui que o estudante vai começar a perceber que os livros lhe permitem ir ao encontro do passado, aprender sobre o presente ou projetar-se no futuro. Nesse processo de envolvimento, os alunos perceberão a leitura como algo significativo e empolgante.

As questões abordadas em nossa proposta referentes à leitura, literatura, letramento literário, memória, história, esquecimento e romance histórico foram baseadas em conceitos e contribuições oferecidos por pesquisadores como Antoine Compagnon (1999), Antonio Candido (2012), Marisa Lajolo (1993), Regina Zilberman (2008), Rildo Cosson (2007), Jacques Le Goff (1990), Paul Ricoeur (2007), Yves Reuter (1996) e György Lukács (2011).

Apresentamos uma sequência de atividades de intervenção composta por dez oficinas. Para a primeira, sugerimos iniciar com uma discussão sobre a importância da leitura, ratificada por um trecho do filme *Mãos Talentosas* e, em seguida, sugerimos a aplicação de um *quiz* para identificar o perfil leitor dos estudantes. Na oficina seguinte, propomos uma discussão sobre história/memória e o início da leitura do romance histórico *Leocádia*. No terceiro momento de trabalho, a proposta é dar continuidade à leitura do romance, fazendo relação com os relatos orais propagados pela comunidade. Na quarta oficina, sugerimos um trabalho de comparação da imagem mental criada a partir da leitura do livro *Leocádia*, fazendo a releitura com o filme

de mesmo nome. Para o quinto dia de atividades, nossa sugestão é uma oficina sobre o ofício de escritor. Nesse momento, os estudantes conhecerão outras obras locais/regionais e vão expor suas dúvidas sobre como funciona o processo de escrita e publicação de textos e livros. Na oficina seguinte, acontecerá uma entrevista com um ou mais escritores a fim de sanar todas as dúvidas da turma e, assim, dar continuidade ao processo de letramento. No sétimo encontro, a turma vai vivenciar a narrativa, pois, para essa oficina, propomos uma aula de campo, visitando alguns locais onde aconteceram os fatos narrados no romance *Leocádia*. Já na oitava oficina, apresentaremos o Baú Literário; nesse momento, os alunos poderão escolher um livro para leitura. Após a escolha, cada aluno fará uma explanação, explicando para os colegas o porquê daquela escolha e todos iniciarão a leitura. Esse será um momento que gerará curiosidade e facilitará outras possíveis escolhas. Para o nono encontro, julgamos importante realizar a sistematização da leitura, momento em que os estudantes poderão falar de suas leituras, relacionando-as com outras leituras ou outras vivências. Na nossa décima e última oficina sugerimos o encerramento do projeto com uma avaliação da última obra lida e também do projeto como um todo. Será nessa oficina que o professor dará mais um passo para a continuidade do processo de letramento e, conseqüentemente, da formação de uma comunidade de leitores. O baú será entregue à turma como uma doação para a escola. Dessa forma, os alunos poderão continuar fazendo outras leituras. No decorrer das oficinas, também leremos algumas memórias literárias que foram produzidas em anos anteriores por alunos do 8º ano para a Olimpíada de Língua Portuguesa. Será uma forma de divulgar os trabalhos produzidos pelos alunos, assim como de valorizar as histórias e lembranças das pessoas que foram entrevistadas para produzir as memórias.

Faz-se necessário lembrar que as oficinas foram embasadas no livro *Letramento Literário: teoria e prática*, de Cosson (2007), e também utilizamos orientações do caderno do professor *Se bem me lembro...* (2014), material pertencente à Olimpíada da Língua Portuguesa – Escrevendo o Futuro.

Reafirmamos que a leitura é uma temática que merece atenção, tendo em vista que vivemos em uma sociedade que demanda proficiência em leitura e interpretação. Acreditamos ainda que a leitura, especialmente a literária, seja capaz de transformar os sujeitos, sendo, inclusive, a forma mais legítima de nos libertar das dominações sociais, promovendo o indivíduo para a condição de sujeito autônomo em seus julgamentos, escolhas e interpretações da vida e do mundo. Diante do exposto, consideramos esta proposta de trabalho pertinente, uma

vez que busca repensar a prática, dialogando com teorias, e apresentar uma outra possibilidade para o trabalho com a leitura literária na escola.

Por fim, salientamos que o trabalho com literatura necessita ser revisto e observado com olhos mais atentos no cotidiano escolar e familiar: professores, bibliotecários, coordenadores pedagógicos e também os pais e familiares são as pessoas que promovem os primeiros encontros da criança com a literatura, por isso necessitam fazer com que esse contato seja prazeroso. Todavia, admitimos que nem todos têm o devido preparo, tampouco iniciativas isoladas solucionarão o problema. Apesar disso, é preciso realizar tentativas, promover discussões, realizar pesquisas e ler muito, pois só quem é leitor é capaz de transmitir o encantamento pela leitura.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcia. **Cultura Letrada: literatura e leitura**. São Paulo: UNESP, 2006.
- AGUIAR, Vera Teixeira de. **Biblioteca e formação de leitores**. Cadernos de Educação Básica, São Paulo, v. 4, p. 99-103, 1994.
- ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola, 2003.
- BARROS, José D' Assunção. **O campo da História: especialidades e abordagens**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2004.
- BARTHES, R. Roland Barthes por Roland Barthes. Tradução de L. Perrone. SP: Cultrix, 1977. **Aula** (aula inaugural da cadeira de semiologia literária do colégio de França).
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/04/BNCC_19mar2018_versaofinal.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2018.
- CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. **Remate De Males**. Campinas, SP, 2012. Disponível em: <<https://doi.org/10.20396/remate.v0i0.8635992>>. Acesso em: 30 mar. 2018.
- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: _____. **Vários Escritos**. 5. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2011.
- COMPAGNON, Antoine. **O Demônio da teoria: literatura e senso comum**. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: UFMG, 1999.
- COMPAGNON, Antoine. **Literatura para quê?** Belo Horizonte: UFMG, 2009.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2007.
- ELIAS, José. **Literatura Infantil: ler, contar, e encantar criança**. Porto Alegre: Mediação, 2007.

- FAILLA, Zoara (Org.). **Retratos da Leitura no Brasil 4**. Rio de Janeiro, Sextante, 2016.
- FRAGOSO, Graça Maria. Biblioteca na escola. **Rev. ACV: Biblioteconomia em Santa Catarina**, v.7, n1, 2020, p.124.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GUIMARÃES, Elias Cardoso. **Leocádia**. Rio de Janeiro: Companhia Brasileira de Artes Gráficas, 1991.
- IBGE - **Cidades @**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/default.php>>. Acesso em: 13 ago. 2020.
- INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Censo Escolar**. Disponível em <<http://matricula.educacenso.inep.gov.br/>>. Acesso em 12 fev. 2020.
- LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 1993.
- LAJOLO, Marisa. O texto não é pretexto. Será que não é mesmo? In: ZILBERMAN, Regina; ROSING, Tania (Org.). **Escola e leitura: velha crise, novas alternativas**. São Paulo: Global, 2009. p. 99-112.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- LEBRUN, Marlène. A emergência e o choque das subjetividades de leitores do maternal ao ensino médio graças ao espaço interpretativo aberto pelos comitês de leitura. In: ROUXEL, Annie; LANGLADE, Gérard & REZENDE, Neide Luzia (org) *Leitura subjetiva e ensino de literatura*. São Paulo: Alameda, 2013. p. 133-148.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Trad. Bernardo Leitão et al. Campinas: UNICAMP, 1990.
- LUKÁCS, György. **O romance histórico**. Trad. Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2011.
- MÁRQUEZ, Gabriel García. In: DU BOIS, Tânia. **Autópsia do Invisível – Crônicas**. Passo Fundo: Berthier, 2015.

MATTOS, C.L.G. A abordagem etnográfica na investigação científica. In: MATTOS, C.L.G.; CASTRO, P.A., (Orgs.) **Etnografia e educação: conceitos e usos** [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011. pp. 49-83. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/8fcfr/pdf/mattos-9788578791902-03.pdf>>. Acesso em: 18 abr. 2019.

MELO, Carlos Augusto de; SANTOS, Luciane Alves (Org.). **Letramento literário e formação do leitor: desafios e perspectivas do Profletras**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2015.

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**. 2ª ed. Tradução Celina Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2009.

PORTAL QEDU. Disponível em <<https://www.qedu.org.br>>. Acesso em: 07 abr. 2020.

REUTER, Yves. **Introdução à Análise do Romance**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

RICOEUR, Paul. **A Memória, a História, o Esquecimento**. Campinas: Editora de Campinas, 2007.

ROUXEL, Annie; LANGLADE, Gérard & REZENDE, Neide Luzia (org). **Leitura subjetiva e ensino de literatura**. São Paulo: Alameda, 2013.

Se bem me lembro...: caderno do professor: orientação para produção de textos. [equipe de produção Regina Andrade Clara, Anna Helena Altenfelder, Neide Almeida]. São Paulo: Cenpec (Coleção da Olimpíada).

SOARES, Magda. **A escolarização da literatura infantil e juvenil**. In: EVANGELISTA, Aracy Alves Martins; BRANDÃO, Heliana Maria Brina; MACHADO, Maria Zélia Versiani (org.) **Escolarização da Literatura**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SOUZA, Renata Junqueira de. (Org.) **Biblioteca escolar e práticas educativas: o mediador em formação**. Campinas: Mercado das Letras, 2009.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 3. Ed., 2002.

XYPAS, Rosiane Maria Soares da Silva. Para uma didática da implicação em leitura de textos literários: a função das marcas da subjetividade do leitor. **Revista Entreletras**. Tocantins, v.9, n 2, p. 164-179, set. 2018.

ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro da (Org.). **Literatura e pedagogia: ponto & contraponto**. 2. ed. São Paulo: Global, 2008.

ANEXO A – Parecer do Comitê de Ética

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS - UNIMONTES



Continuação do Parecer: 3.719.761

- pesquisas, entrevistas e visitas técnicas;
- Trazer a literatura local/regional para a sala de aula;
 - Motivar os estudantes para que desenvolvam o gosto pela leitura;
 - Desenvolver o letramento literário;

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Conforme os pesquisadores quanto aos:

Riscos: Caso haja algum desconforto ou risco, o participante da pesquisa terá a garantia plena de liberdade de recusar-se a participar ou retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa sem penalização alguma.

Benefícios: Promover o letramento literário, desenvolvendo o gosto e prazer pela leitura.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Estão claros os objetivos e os procedimentos metodológicos da pesquisa.

O cronograma de execução está dentro do prazo.

A proposta possui mérito, apresenta relevância científica e adequação ética.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os Termos foram apresentados e estão adequados à Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde.

Recomendações:

Apresentação do relatório final por meio da Plataforma Brasil.

Pelo exposto, sugere-se que o Projeto seja aprovado.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não há pendências.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1456848.pdf	29/10/2019 22:34:21		Aceito

Endereço: Av. Dr Rui Braga s/n-Camp Univers Profº Darcy Rib
Bairro: Vila Mauricéia **CEP:** 39.401-089
UF: MG **Município:** MONTES CLAROS
Telefone: (38)3229-8180 **Fax:** (38)3229-8103 **E-mail:** smelocosta@gmail.com

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE
MONTES CLAROS -
UNIMONTES



Continuação do Parecer: 3.719.761

Folha de Rosto	Folhaderosto.pdf	29/10/2019 22:30:18	MARIA SIMARA DE AGUIAR	Aceito
Outros	Consentimentolivreeseclarecido.pdf	29/10/2019 22:29:19	MARIA SIMARA DE AGUIAR	Aceito
Outros	Conc_Instituicao.pdf	29/10/2019 22:26:29	MARIA SIMARA DE AGUIAR	Aceito
Outros	Termoresponsabilidade.pdf	29/10/2019 22:22:57	MARIA SIMARA DE AGUIAR	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termoassentimento.pdf	29/10/2019 22:15:55	MARIA SIMARA DE AGUIAR	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto.pdf	28/10/2019 18:17:48	MARIA SIMARA DE AGUIAR	Aceito
Parecer Anterior	ParecerSimara.pdf	21/10/2019 15:53:48	MARIA SIMARA DE AGUIAR	Aceito
Cronograma	Cronograma.pdf	21/10/2019 14:40:09	MARIA SIMARA DE AGUIAR	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

MONTES CLAROS, 22 de Novembro de 2019

Assinado por:
SIMONE DE MELO COSTA
(Coordenador(a))

Endereço: Av. Dr Rui Braga s/n-Camp Univers Profº Darcy Rib
Bairro: Vila Mauricéia **CEP:** 39.401-089
UF: MG **Município:** MONTES CLAROS
Telefone: (38)3229-8180 **Fax:** (38)3229-8103 **E-mail:** smelocosta@gmail.com

ANEXO B – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA



TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA

Informação para o(a) pesquisador(a)

Termo de Assentimento - documento elaborado em linguagem acessível para os menores de idade ou para os legalmente incapazes, por meio do qual, após os participantes da pesquisa serem devidamente esclarecidos, explicitarão sua anuência em participar da pesquisa, sem prejuízo do consentimento de seus responsáveis legais (Resolução 466/2012 e 510/2016 – Conselho Nacional de Saúde, Ministério da Saúde, Brasil).

Título da pesquisa: O conhecimento da história local como Recurso para o Letramento Literário:
Leocádia ... história de uma menina, retrato de uma época

Instituição promotora: UNIMONTES – Universidade Estadual de Montes Claros

Coordenador (a): Luiz Henrique Carvalho Penido

Atenção:

Antes de aceitar participar desta pesquisa, é importante que você leia e compreenda a seguinte explicação sobre os procedimentos propostos. Esta declaração descreve o objetivo, metodologia/procedimentos, benefícios, riscos, desconfortos e precauções do estudo. Também descreve os procedimentos alternativos que estão disponíveis a você e o seu direito de sair do estudo a qualquer momento. Nenhuma garantia ou promessa pode ser feita sobre os resultados do estudo.

1. Objetivo:

Inserir os estudantes no universo literário, tendo como ponto inicial o trabalho com o romance histórico Leocádia e, a partir da leitura da obra, e da relação entre narrativa ficcional, memória local e história oficial, partir do próximo e conhecido apresentando aos alunos outras obras literárias para incrementar os hábitos leitores, a fim de promover o Letramento Literário.

2. Metodologia/procedimentos:

Como pretendemos trabalhar com leitura/literatura a metodologia qualitativa é a abordagem mais apropriada, uma vez que pretendemos investigar os hábitos de leitura de textos literários dos alunos do Ensino Fundamental e, a partir da análise dos dados, realizar um projeto de intervenção tendo como ponto inicial o trabalho com o romance histórico Leocádia.

3. Justificativa:

Ao aplicarmos este projeto pretendemos desenvolver o tema *O letramento literário através da literatura local*, penetrando na densidade do texto literário, procurando extrair sua riqueza comunicativa e ressignificando o ensino de literatura na escola. Acreditamos que seja possível intervir no sentido de criar nos estudantes o desejo de conhecer a história da região em que vivem, uma história que é contada pelo autor, mas que é de todos os cidadãos, pois é fruto de narrativas orais contadas pelos mais velhos.

Nas escolas, na grande maioria das vezes, essa história local é marginalizada, não problematizando tais conhecimentos. É necessário, portanto, romper essa barreira e trazer para a sala de aula não apenas as histórias de autores reconhecidos, mas também histórias "vivas". Diante disto, este projeto se propõe a discutir o universo dos primeiros sertanejos que fixaram residência na atual Guanambi, extraindo do romance Leocádia, como também de outras fontes de pesquisa, elementos que expressem e ampliem o conhecimento sobre fatos que marcaram e ajudaram a construir a história da cidade, historicizando algumas práticas políticas, sociais e econômicas dos habitantes do município. Então, a partir desse romance histórico, ampliar a bagagem literária dos alunos, inserindo outras obras, com a intenção de formar uma comunidade de leitores. Objetivando interferir teórica e metodologicamente nas questões apresentadas e que a pesquisa se justifica.

4. Benefícios:

Promover o letramento literário, desenvolvendo o gosto e prazer pela leitura.

5. Desconfortos e riscos:

Caso haja algum desconforto ou risco, o participante da pesquisa terá a garantia plena de liberdade de recusar-se a participar ou retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa sem penalização alguma.

6. Danos:

A pesquisa não prevê nenhum tipo de dano, caso ocorra, os participantes estarão resguardados na resolução de Nº 466, de 12 de dezembro de 2012.

7. Metodologia/procedimentos alternativos disponíveis:

A pesquisa será desenvolvida no Grupo Escolar Deputado Luis Cabral, numa turma de 9º ano do Ensino Fundamental, em que a pesquisadora atua como Professora de Língua Portuguesa, pertencente ao quadro efetivo. Serão desenvolvidas práticas de letramento a fim de criar uma comunidade de leitores.

8. Confidencialidade das informações:

A pesquisa segue as normas éticas, respeitando a legislação vigente, assume-se o compromisso de: a) Preservar a privacidade dos usuários do serviço (proprietários dos dados da documentação); b) Utilizar as informações exclusivamente para fins científicos deste projeto de pesquisa; c) Manter o anonimato das informações e não utilizar iniciais ou outras indicações que identifiquem o participante da pesquisa;

9. Compensação/indenização:

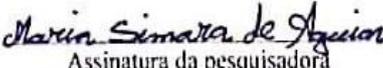
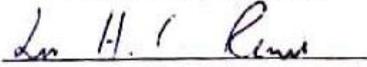
De acordo com a resolução de nº 466, de 12 de dezembro de 2012, declaramos conhecer o fato de que a pesquisa irá garantir a indenização dos participantes da pesquisa (cobertura material) em reparação a dano imediato ou tardio, contemplando o indivíduo ou a coletividade, sendo o dano de dimensão física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural ou espiritual do ser humano. Declaramos, ainda, que jamais será exigido dos participantes da pesquisa, sob qualquer argumento, renúncia ao direito à indenização por dano.

10. Outras informações pertinentes:

Esta pesquisa é de natureza qualitativa, tem como finalidade melhorar o desempenho dos alunos na leitura, promovendo o letramento literário.

11. Assentimento:

Li e entendi as informações precedentes. Tive oportunidade de fazer perguntas e todas as minhas dúvidas foram respondidas a contento. Este formulário está sendo assinado voluntariamente por mim, indicando meu consentimento para participar nesta pesquisa, até que eu decida o contrário. Receberei uma cópia assinada deste assentimento.

Nome do participante	Assinatura do participante	Data
Maria Simara de Aguiar		18/10/2019
Nome da pesquisadora	Assinatura da pesquisadora	Data
Luiz Henrique Carvalho Penido		17/10/19
Nome do coordenador da pesquisa	Assinatura do coordenador da pesquisa	Data

ENDEREÇO DO PESQUISADOR: Rua do Jatobá, Nº 87, Bairro São Vicente – Caetitê – Bahia
TELEFONE: (77) 99954-1005

Campus Universitário “Professor Darcy Ribeiro” – Reitoria – Prédio 05
Caixa Postal Nº 06 – Montes Claros/ MG – CEP: 39.401-089
www.unimontes.br – e-mail: comite.etica@unimontes.br
Telefone: (38) 3229-8182

ANEXO C – Resolução Nº 003/2020 – Conselho Gestor, de 02 de junho de 2020

1/2



RESOLUÇÃO Nº 003/2020 – CONSELHO GESTOR, de 02 de junho de 2020.

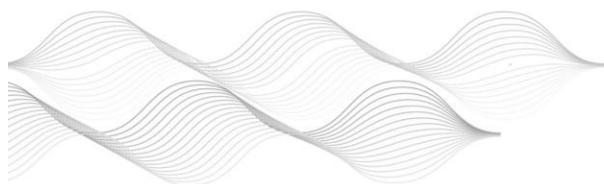
Define as normas sobre a elaboração do Trabalho de Conclusão do Curso para a sexta turma do MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS

A COORDENAÇÃO NACIONAL DO PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS (PROFLETRAS) faz saber que, usando das atribuições que lhe confere,

CONSIDERANDO o enfrentamento da pandemia do Covid 19, no âmbito da esfera acadêmica e, particularmente, na pós-graduação;

CONSIDERANDO o contexto de crise sanitária que impacta a realização das atividades presenciais de intervenção que visam à elaboração do trabalho de conclusão da sexta turma do ProfLetras;

RESOLVE aprovar as seguintes normas:





Art. 1o. Os trabalhos de conclusão da **sexta turma** poderão ter caráter propositivo sem, necessariamente, serem aplicados em sala de aula presencial.

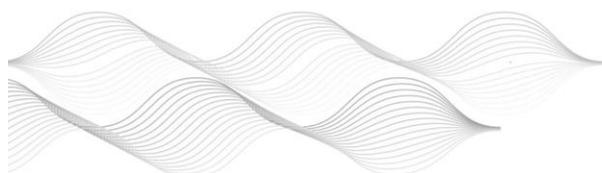
Art. 2o. O trabalho de conclusão deverá, necessariamente, apresentar **um produto** (proposta de sequência didática, criação de material didático, desenvolvimento de software etc.) a ser sistematizado a partir, por exemplo, da análise de livros e materiais didáticos, da reflexão advinda de trabalhos de conclusão no âmbito do ProfLetras e da intervenção na modalidade remota.

Art.3o. Os produtos a serem sistematizados devem seguir os diferentes formatos previstos tanto no âmbito do programa quanto aqueles apresentados nos documentos de área.

Art. 4º: Esta Resolução entra em vigor a partir da data de sua publicação.

02 de junho de 2020.

Profa. Dra. Maria da Penha Casado Alves
PRESIDENTE DO CONSELHO GESTOR



APÊNDICE A – Atividade Diagnóstica



Questionário – Prática de Leitura – Segmento Alunos

Prezado (a) Aluno (a)

O relato de sua experiência é muito importante, pois dará elementos para refletir, entre as muitas questões, sobre o papel da escola no processo de letramento literário. Procure responder as perguntas com clareza para não haver dúvidas sobre o que você realmente quer dizer. Obrigada por sua participação neste trabalho!

Professora Simara

- 1) Idade: _____
2) Sexo: () Masculino () Feminino

Sobre a sua história como leitor de literatura. Todo leitor tem uma história de leitura, uma história marcada por lembranças de pessoas, personagens, sensações, lugares, situações e acontecimentos. Vamos retroceder um pouco no tempo.

- 3) É comum a criança gostar de ouvir histórias, fábulas, contos de fadas. Você ouviu essas histórias na infância?
Sim () Não ()

4) Quem contava essas histórias? _____

5) Onde você encontra os livros que lê?

- () Em casa
() Na biblioteca da escola
() Na casa dos amigos
() Em outro lugar _____

6) Qual critério você utiliza para a escolha do livro na biblioteca escolar?

- () O título (nome) do livro
() A capa do livro
() A quantidade de páginas
() Outros _____

7) Você costuma terminar de ler o livro que pega na biblioteca com qual frequência?

- Sempre
 Nunca
 Às vezes

8) Você já leu algum livro indicado por colega?

- Sim Não

9) Os seus professores costumam indicar livros para você?

- Sim Não Às vezes

10) Quando seu professor cita algum livro em especial, você costuma se sentir motivado a ler o mesmo?

- Sim, fico com vontade de ler o livro
 Às vezes fico com vontade de ler o livro
 Leio o livro
 Não sinto vontade de ler o livro

11) Você gosta de ler livros literários?

- Sim, adoro ler Às vezes, a depender do livro Não gosto de ler

12) Você encontra dificuldades ao ler obras literárias? Qual dificuldade?

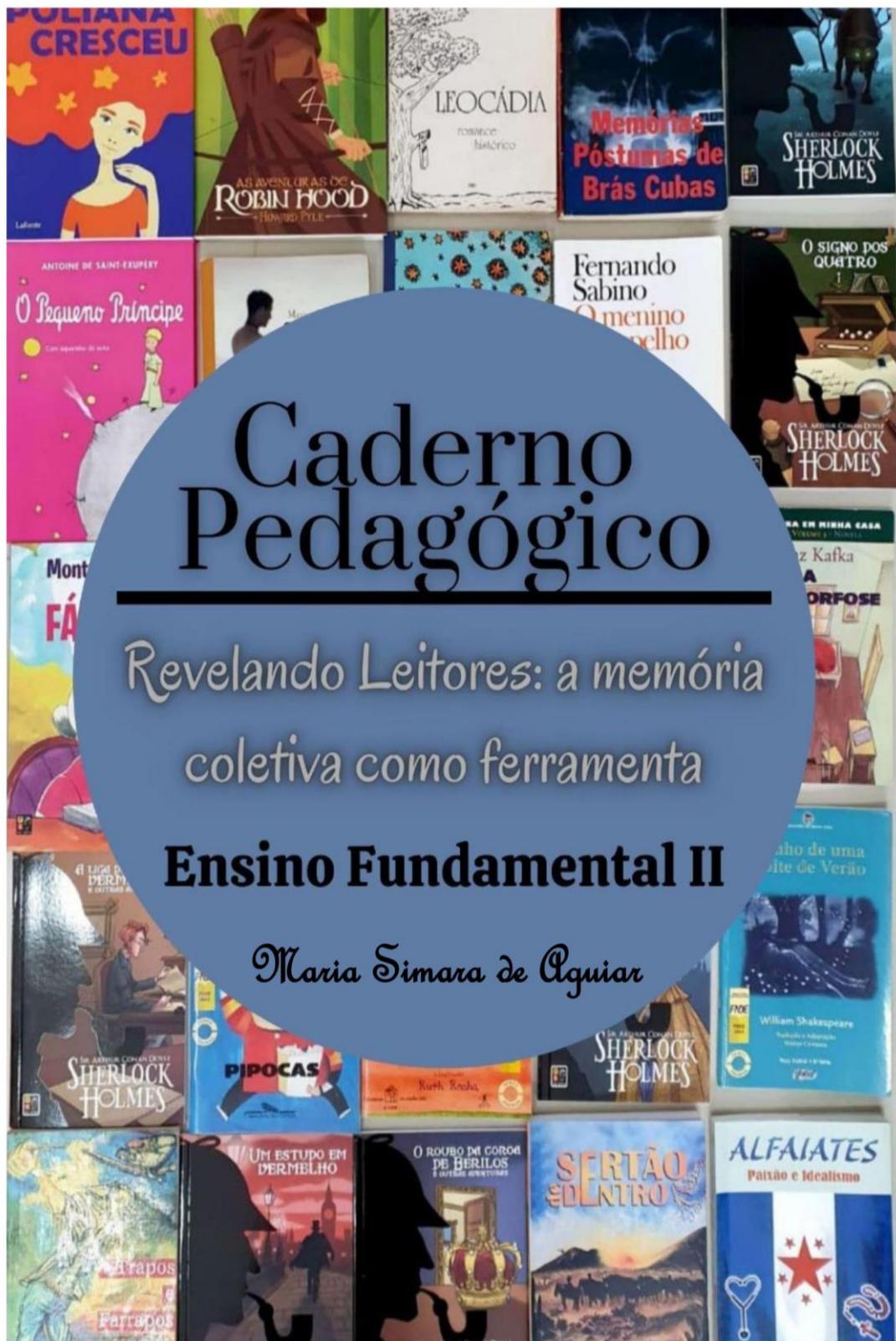
13) Você tem algum livro preferido? Qual? _____

14) Você gosta de ouvir histórias contadas por pessoas mais velhas? _____

15) O que você entende por memórias? _____

16) Conhece alguma dessas histórias (memórias) de sua localidade ou região? Qual?

17) Você gostaria de ler textos literários baseados na história de sua região e nas histórias de vida das pessoas que nela vivem ou viveram? _____



**O conhecimento da história local como Recurso para o Letramento Literário:
LEOCÁDIA - história de uma menina, retrato de uma época**

MARIA SIMARA DE AGUIAR

Este caderno é resultado de um trabalho de pesquisas, estudos e da dissertação do Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), pela UNIMONTES, de autoria da Professora Maria Simara de Aguiar, sob a orientação do professor Dr. Luiz Henrique Carvalho Penido.



Diagramação: **Rosângela Alves de Aguiar**

Ilustração: **Luisa Argolo Maia**

Fotos: **José Carlos Lelis Costa**





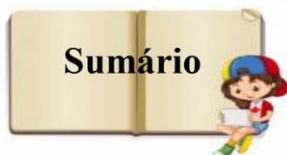
“Ninguém nasce sabendo ler: aprende-se a ler à medida que se vive.”

Marisa Lajolo

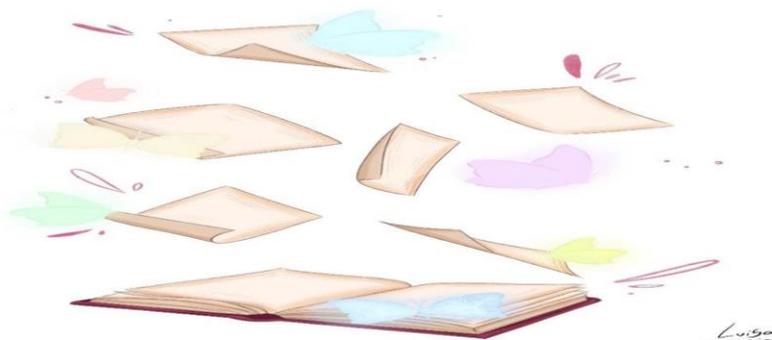


Dedicamos este caderno aos educadores que se propõem ao árduo e lindo trabalho de formar leitores, aos meninos e meninas que já foram conquistados pelo doce prazer da leitura, contudo, esta proposta almeja alcançar - por intermédio dos professores - aqueles estudantes que ainda não foram tocados por uma obra literária.





✚ Apresentação	05
✚ As oficinas	07
✚ Oficina 01: Ler: um desafio e muitas conquistas	08
• Quiz: Qual o seu perfil leitor?	10
• Perfil do leitor	12
✚ Oficina 02: Toda história tem memórias	15
✚ Oficina 03: Na memória de todos nós	19
✚ Oficina 04: Como no filme	22
✚ Oficina 05: Tecendo textos	24
✚ Oficina 06: E com vocês: os escritores	27
✚ Oficina 07: Lugares que contam histórias	29
✚ Oficina 08: Uma caixa mágica	32
✚ Oficina 09: Livro a livro	35
✚ Oficina 10: Memórias de livros	38
• Questionário de Avaliação	40
✚ Referências	41





Prezado (a) Professor (a),

Esta proposta de trabalho fundamenta-se em discussões a partir de pesquisas teóricas e metodológicas de muitos escritores que tratam de leitura e letramento literário: Antoine Compagnon, Antonio Candido, Marisa Lajolo, Regina Zilberman, Rildo Cosson, Michèle Petit, Rosiane Xypas e Annie Rouxel. Trazemos também uma abordagem sobre história, memória, esquecimento e romance histórico pautada em Jacques Le Goff, Paul Ricoeur, Yves Reuter e György Lukács. Nossa proposta de formação de leitores parte do resgate da memória coletiva, ou seja, iniciaremos nosso trabalho colhendo relatos por meio da escuta de histórias contadas por pessoas da família ou da comunidade. Após essa “contação de histórias”, sugerimos o romance histórico Leocádia (ou outro romance histórico regional) e, depois desse encontro com a história local/regional, apresentaremos obras literárias diversas a fim de promover a identificação dos estudantes com algumas delas. Antes da primeira leitura recomendamos a aplicação de algo lúdico, que leve o estudante a entrar no clima de diversão e brincadeira, nossa sugestão é um “quiz”, onde o estudante vai identificar seu perfil leitor.

Para o trabalho com as histórias individuais e memória coletiva realizaremos em cada oficina a leitura e discussão de textos produzidos em anos anteriores para a Olimpíada de Língua Portuguesa, que trabalhou o tema “O lugar onde vivo”. São memórias literárias que expressam sentimentos de alegria, melancolia, saudosismo, orgulho e pertencimento. Essas narrativas contam histórias dos moradores de diversas comunidades, em períodos e locais distintos; discutindo temas como infância, brinquedos e trabalho infantil.

Outra questão de extrema importância que deve ser contemplada no processo de formação de leitores é a utilização do espaço da biblioteca no planejamento das atividades. Devemos programar nossas aulas e momentos de leitura fazendo uso desse ambiente tão rico e prazeroso. Todavia, em nossas oficinas utilizaremos material impresso e os livros do baú literário tendo em vista que grande parte das escolas da rede municipal não possuem biblioteca, mas apenas um recinto para armazenar livros. Entretanto, as oficinas ficarão ainda mais



interessantes se puderem acontecer no espaço da biblioteca e da forma mais descontraída possível.

Este caderno traz uma sequência didática que visa promover o letramento literário e o “ler por prazer”. As atividades aqui sugeridas visam desenvolver habilidades de leitura para o enfrentamento do fracasso escolar decorrente das dificuldades de leitura, e, conseqüentemente, incentivar os estudantes a se apropriarem das memórias regionais e a se familiarizarem com a linguagem literária, logo, formar leitores.

Ressaltamos que as propostas visam servir de inspiração para a elaboração e o desenvolvimento de outras atividades que busquem promover o engajamento dos estudantes na leitura literária. Cada professor pode adequar as sugestões e ajustar ao seu fazer docente.





Após identificação de problemas ligados à compreensão leitora, experiência e hábitos de leitura dos alunos da Rede Municipal de Ensino, bem como o baixo desempenho no IDEB 2019 (como pode ser verificado no quadro a seguir), que acreditamos serem causados pela falta de um trabalho sistematizado de leitura no decorrer das séries do Ensino Fundamental, elaboramos as atividades descritas na sequência didática com a finalidade de auxiliar no desenvolvimento da competência leitora dos alunos, com o propósito de promover o letramento literário e, finalmente, desenvolver o gosto pela leitura. O trabalho será desenvolvido conforme a sequência básica proposta por Rildo Cosson (2007): motivação, introdução, leitura e interpretação, segundo descrito nesta seção.

6ª série / 9º ano

Escola *	Ideb Observado								Metas Propetadas							
	2005 *	2007 *	2009 *	2011 *	2013 *	2015 *	2017 *	2019 *	2007 *	2009 *	2011 *	2013 *	2015 *	2017 *	2019 *	2021 *
COLEGIO MUNICIPAL DE 1º GRAU ZELINDA CARVALHO TEIXEIRA			2,6	3,5	4,0	4,0	*	3,9			2,9	3,3	3,6	3,9	4,2	4,4
ESCOLA DE 1º GRAU DOM MANOEL RAMUNDO DE MELO			3,5	3,3	4,5	3,9	4,4	4,5			3,7	3,9	4,3	4,5	4,8	5,1
ESCOLA DE 1º GRAU PROPª EMILIANA NOGUEIRA PITA			2,6	4,2	4,2	3,5	4,2	4,6			3,1	3,5	3,9	4,1	4,4	4,7
ESCOLA DE 1º GRAU PROFª NURILAINO FROTA					2,7	2,4	2,5	1,5					3,1	3,3	3,6	3,8
ESCOLA MUNICIPAL DACIO ALVES DE OLIVEIRA	1,7						**	**	2,1	2,5	3,0	3,4	3,7	4,0	4,2	
GRUPO ESC VEREADOR CLEMENTE FERREIRA DE CASTRO			3,3	2,6	3,3	4,2	*	3,7			3,5	3,8	4,1	4,3	4,6	4,9
GRUPO ESCOLAR DEPUTADO LUIS CABRAL			2,5	3,2	3,2	3,8	3,7	3,5			2,9	3,2	3,6	3,9	4,1	4,4
GRUPO ESCOLAR MANOEL LOPES TEIXEIRA						2,5	4,0	3,1						3,2	3,4	3,7
GRUPO ESCOLAR SENADOR OVIDIO TEIXEIRA	3,3	3,2	3,7	3,8	3,6	4,3	4,3		3,4	3,6	4,0	4,3	4,6	4,8	5,1	

Fonte: Ideb.inep.gov.br/resultado/





Oficina 01

Ler: um desafio e muitas conquistas...

(2 aulas)



✚ Apresentação da situação:

- O que vocês pensam sobre leitura?
- Vocês acham que a pessoa que tem o hábito de ler tem vantagem sobre as que não têm?
- Vocês têm o hábito de ler?
- Vocês têm alguma dificuldade de compreender os textos lidos?
- Qual a importância da leitura para a nossa vida?
- Vocês sabem o que são memórias?
- Já conversaram com alguém sobre as memórias do distrito e da região onde vivem?

(Comunicar aos alunos que eles participarão de um projeto de leitura iniciando com um romance que conta uma das histórias da região)

✚ Objetivos

- Traçar o perfil leitor dos estudantes.
- Perceber a importância da leitura.
- Motivar os alunos a iniciarem o processo de leitura.



- Refletir sobre as memórias da região e personagens vivos nas lembranças das pessoas.

🚩 Atividades

Prepare-se!

Nesta oficina você deverá ajudar o/a estudante a identificar seu perfil leitor, perceber a importância da leitura e fomentar o desejo de novas leituras. Certamente há inúmeras maneiras para iniciar uma proposta de leitura. Nesta oficina, propomos mostrar aos estudantes que a leitura é importante e pode fazer a diferença na vida das pessoas.

Após a discussão inicial, motivada pelas questões propostas e por um vídeo sobre leitura, o professor deve propor o “quiz”, em seguida exibir o trecho do filme “Mãos Talentosas”, produção da Sony Pictures e pedir aos estudantes que emitam suas opiniões sobre o vídeo. Feito isso deve-se apresentar a proposta da oficina, iniciar a discussão sobre memórias e por último fazer a leitura da memória literária produzida pelo aluno Lucas Alves Souza.

🚩 Recursos utilizados

- Vídeo sobre leitura
- Material impresso
- Vídeo: Mãos Talentosas (recorte) Link: <https://youtu.be/U6O6ZpKyXa8>



QUIZ!

Qual o seu perfil leitor?

1. Com qual frequência você tem dificuldade de entender o que está escrito no livro?

- a) Isso raramente acontece.
- b) Às vezes tenho dificuldade e preciso reler algum trecho.
- c) Acontece mais do que eu gostaria.
- d) Sempre acontece.

2. Quantos livros você lê em média por mês?

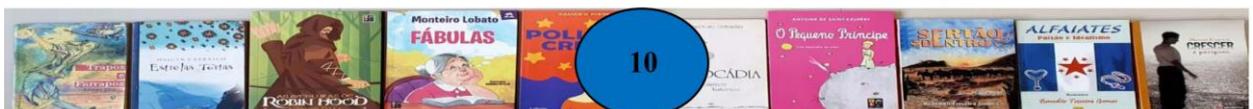
- a) Dois livros ou mais.
- b) Um, às vezes dois.
- c) No máximo um.
- d) Não tenho conseguido ler nenhum.

3. Você conversa sobre os livros que leu?

- a) Gosto de conversar sobre os livros que leio e consigo expressar minha opinião, além de considerar as visões diferentes que ouço.
- b) Sim, mas tenho uma opinião mais reservada e não costumo mudá-la, mesmo entendendo que outros leitores podem pensar diferente.
- c) Converso raramente. Acredito que há uma parte do livro com a qual devemos concordar.
- d) Não costumo conversar sobre os livros que leio, talvez devesse fazer mais isso.

4. Você gosta de ler livros grandes, com vocabulários avançados ou livros pequenos com vocabulários simples?

- a) Prefiro livros grandes, com vocabulários avançados. Ajuda a exercitar meu cérebro.
- b) Prefiro livros pequenos, com vocabulários simples e histórias legais.
- c) Qualquer livro que tenha conteúdo para mim está ótimo.
- d) Prefiro jogar videogame com os amigos ou outra atividade ao ar livre.



5. Como você escolhe os livros que vai ler?

- a) Não tenho um gênero específico, depende da história e do autor.
- b) Faço minha lista de leitura e vou relacionando os livros que mais gosto.
- c) Compartilho livros com os amigos.
- d) Gosto de ler livros que estão em alta. Costumo me interessar depois de ver alguma adaptação para TV.

6. Você daria um livro de presente? Se sim, como escolheria?

- a) Sabendo o gosto de quem vou presentear, procuro algo relacionado, mas que saia da zona de conforto, para ajudar a expandir sua leitura. Muitas vezes dou um clássico.
- b) Aposto naqueles livros e autores certos, com os quais sei que não haverá erro.
- c) Dou um livro de que gostei, pode ser que gostem também, ou outro presente que sei que a pessoa também irá gostar.
- d) Tento descobrir se algum livro está na lista de desejos de quem vou presentear, mas pensaria em outras opções de presente.

7. Qual o principal motivo de você não comprar mais livros?

- a) Talvez por falta de espaço e também por falta de dinheiro.
- b) Não encontro onde comprar.
- c) Não compro livros porque é complicado guardá-los. Prefiro pegar emprestado.
- d) Porque acabo não lendo.

Adaptado do site Coletivo Leitor



Aluno (a): _____



🚩 Perfil do leitor:

- **Leitor Platina**

Você é um grande leitor! A leitura está incorporada ao seu cotidiano e tem um ótimo entendimento sobre o que lê, além de compreender que a interpretação da arte da literatura está aberta ao diálogo entre leitor-obra-autor. Você vive o mundo dos livros praticamente sem limites e gosta de estimular as pessoas a fazerem parte dele também. Continue assim! No nível que está, aumentar o ritmo também não fará mal!

- **Leitor Ouro**

Você lê muito e parece se esforçar para naturalizar esse hábito. Você está quase lá! Sugerimos que converse mais ainda com as pessoas sobre leitura e obras de interesse comum, buscando aprender e ver como outros leitores se comportam. Você pode se permitir mais a experimentação, lendo livros e gêneros diferentes. Isso pode te fazer ser o leitor que deseja!

- **Leitor Prata**

Você está melhorando, o que é ótimo, mais ainda não está em um nível satisfatório de leitura. Indicamos que experimente mais autores e gêneros, converse com as pessoas próximas e visite mais bibliotecas para achar seu caminho na literatura. Para aumentar seu ritmo, organize melhor seu dia e inclua a leitura em horas vagas e agradáveis. Vá aos poucos para se tornar um hábito. A euforia, quando passa, pode te desanimar mais ainda.

- **Leitor Bronze**

Você ainda tem um longo caminho para se tornar um leitor exemplar. Lendo mais você poderá refletir e conversar sobre os livros, descobrir as possibilidades da literatura e ver como esse hábito é prazeroso. Tente tornar a leitura uma das prioridades das suas horas livres. Com leveza, você vai ler mais em breve!

🚩 Pontuação

A = 20

B = 15

C = 10

D = 05

🚩 Resultado:

Leitor Platina: 145 a 175 pontos

Leitor Ouro: 105 a 140 pontos

Leitor Prata: 70 a 100 pontos

Leitor Bronze: 35 a 65 pontos



O MEDO E A SAUDADE FICAM NA LEMBRANÇA

A minha história começa há muito tempo atrás... Atrás quanto? Não sei dizer direito, mas quando volto a pensar em minha vida, recordo-me que trabalhava para poder comer. O trabalho era trocado por alimentos; trabalhei muito... desde bem pequena.

Um dia recebi uma triste notícia: meu pai havia falecido e, como eu era a filha mais velha, tive que cuidar de mim e de mais quatro irmãos. O lugarzinho onde morei chama-se Nogueira – um lugar muito tranquilo, gostoso para se morar, pois não faltava vida na terra; a água corria a céu aberto: secas e águas. Já hoje em dia tudo isso se acabou, a água que corria sobre as pedras já não corre mais. Mesmo com o passar do tempo, ainda me lembro daquele cheirinho bom das plantas que cultivávamos, entre muitas me recordo do aroma do sabugueiro, erva-cidreira, alecrim, rosas... Naquele tempo quase não acontecia nada de ruim, não existiam ladrões, se quiséssemos, poderíamos até deixar nossas casas abertas que ninguém mexia. O sossego era outro. Nunca ouvíamos falar de roubos ou coisas parecidas; atualmente não temos mais essa tranquilidade. Também não havia a energia elétrica, a nossa iluminação era com o famoso candeeiro; nós nem sabíamos ainda o que era luz elétrica; acendíamos um fogo no meio da nossa varandinha de terra batida para passarmos a noite. A água utilizada vinha de uma fonte natural; era uma água pura e limpa, que dava gosto de tomar. Até então eu vivia livremente, não usava documentos para nada. Na verdade, eu só vim a conhecer documentos quando fui providenciar a papelada para me aposentar. Ah! Quase que estava me esquecendo de contar algumas histórias de quando eu era pequena: havia dias que ficávamos sabendo que os revoltosos estavam chegando. Corríamos para a floresta, não existia homem que não tivesse medo. Dormíamos no mato, comíamos arroz pisado e umbu, quando tinha. O arroz era pisado à noite para não chamar atenção. Foi um tempo sofrido! Oh, Deus! Das pessoas que se escondiam no mato comigo não resta mais ninguém. O mais curioso é que nós nem sabíamos o que pretendiam os revoltosos. Espalhou-se uma notícia de que eles invadiam casas, saqueavam e matavam, por isso todos tinham pavor. Fui informada há pouco tempo, por meu neto, que “esses revoltosos”, na verdade eram militares que estavam contra o governo e a favor do povo e também que o movimento se denominava Coluna Prestes. Todavia, como disse antes, éramos carentes de tudo, inclusive de conhecimento. Meus brinquedos eram bonequinhas feitas com sabugo de milho, porém, quando eu estava um pouco maior, ganhei de minha madrinha uma boneca de pano. Fazíamos cumbucas de cabaças para guardarmos nossas coisas.



Os alimentos também eram escassos, a comida era regrada, pois não tínhamos certeza que teríamos alimento para o dia seguinte. As pessoas ricas se aproveitam de nós, pois precisávamos comer e o nosso sustento vinha da troca de serviços por alimentos. Muitas vezes trabalhávamos uma semana em troca de poucos mantimentos. Mesmo assim eu agradeço a todos que me ajudaram e quero dizer que não comíamos para encher a barriga... era só para amenizar a fome. Ah! Acabei de me lembrar que os nossos calçados eram feitos de couro, ou seja, quando morria ou matavam um gado, nosso pai cortava no couro um par de chinelos para cada um de nós. Ficávamos muito felizes, pois, para nós, era uma coisa preciosa.

Aquele foi um tempo sofrido! Hoje em dia muitas coisas melhoraram, no entanto, as pessoas não aprenderam a valorizar nada, jogam até comida no lixo! Lembrei-me também que quando víamos um automóvel ficávamos com medo, por ser estranho para nós. E, nesse vai e vem, já ia esquecendo de me apresentar: sou Antônia Esmera de Jesus, tenho aproximadamente cem anos (não sei ao certo) e resido no povoado de Baixão de Juazeiro, no município de Caetité-BA.

(Texto baseado na entrevista com a Sr.^a Antônia Esmera de Jesus – 100 anos aproximadamente)





Oficina 02

Toda história tem memórias

(02 aulas)



✚ Introdução à Leitura

- O que vocês sabem sobre o povoamento da região onde vivem?
- Já viram algumas fotos ou objetos antigos?
- As pessoas mais velhas têm muito a nos contar. Vocês já tiveram oportunidade de conversar com seus avós ou com outras pessoas mais velhas?
- Além das memórias orais, vocês conhecem alguma obra que conta histórias de nossa região?

✚ Objetivos

- Valorizar a experiência das pessoas mais velhas.
- Compreender o que é memória.
- Refletir sobre as memórias da região e personagens vivos nas lembranças das pessoas.
- Observar que as memórias podem ser registradas oralmente e por escrito.



🚩 Atividades

Mãos à obra!

Nesta oficina deveremos ajudar os alunos a entender o conceito de memória e história, percebendo sua importância. Com base nas discussões, mostraremos aos alunos a importância de conhecer e valorizar o passado. Após discussão e leitura da memória literária produzida pela aluna Fabíula Lédo Araújo, entregaremos cópias do romance Leocádia aos estudantes e iniciaremos a leitura. Ao final da aula, pediremos a eles que concluam a leitura em casa.

🚩 Recursos utilizados

- Material impresso
- Cópias do romance Leocádia

MEMÓRIAS COLORIDAS DE UM TEMPO EM PRETO E BRANCO

Sentada neste velho tronco de jacarandá, revirando um antigo baú, a minha memória volta algumas décadas atrás e recordo-me do meu tempo de menina. Lembro-me com detalhes da nossa velha casa de adobe... das paredes rachadas e do teto cheio de furinhos, por onde passavam raios de sol que iluminavam nossa casa durante o dia. Éramos uma família humilde e não tínhamos muitos bens materiais; a pouca mobília que tínhamos eram um banco velho feito de pau-ferro, uma antiga cama de varas e uma mesa de jatobá; também possuíamos um pote de barro já gasto, que usávamos para armazenar água. Lembro-me ainda do lindo dueto entre o canarinho e o sabiá; estes eram meus despertadores naturais. A sinfonia inconfundível vinha mesmo era do curral, mais precisamente, do cincerro no pescoço das vacas, que despertava os mais preguiçosos... O assobio da chaleira fervente no velho fogão à lenha anunciava que o café estava pronto e o gostoso cheirinho de beiju quente se espalhava por toda a casa... Nossa! Como me recordo do agradável aroma das ervas, como anis, capim santo e boldo. Não tenho como esquecer das inúmeras vezes que ouvi minha mãe dizer:

-“Tá de mal com a vida? Toma um chazinho de capim santo. ”

-“Tá mal do estômago? Vai um chazinho de boldo aí? ”

Oh! Quantas lembranças da minha doce mãe. Recordo-me até hoje do toque de suas mãos calejadas, que acariciam meus cabelos; mãos que não escondiam o sofrimento do árduo



trabalho em uma pedreira. Essa pedreira era a maior fonte de renda daquela época e quase todos trabalhavam lá: minha mãe, meu pai e meus irmãos; eles eram carregadores dos grandes blocos de pedra. Um serviço pesado e quem trabalhava nele trazia marcas consigo: o olhar cabisbaixo, as mãos que tremiam como o para-choque de um carro velho numa estrada esburacada, a pele enrugada pelo sol e a testa que gotejava como as nascentes do Rio São Francisco. As únicas ferramentas de trabalho eram marreta, alavanca, picareta, talhadeira e martelo. As pedras eram vendidas por baixos preços e eram utilizadas para amolar ferramentas, fazer alicerces de casas, fornos para torrar farinha, entre tantas outras coisas que podiam-se fazer com pedras. Eu era encarregada de cuidar da casa: buscava grandes potes de água na cabeça para cozinhar, lavar e para tudo que fosse necessário...

Em meio a tantas lembranças quase me esqueci de falar do meu primeiro amor... lembro-me como se fosse ontem quando a vi pela primeira vez. Ela tinha um olhar intenso! Agarrei-a num longo abraço e sei que se pudesse ela também me daria um estalado beijo, pois foi amor à primeira vista. Passei a noite toda agarrada a ela e quase não dormi de tanta felicidade.

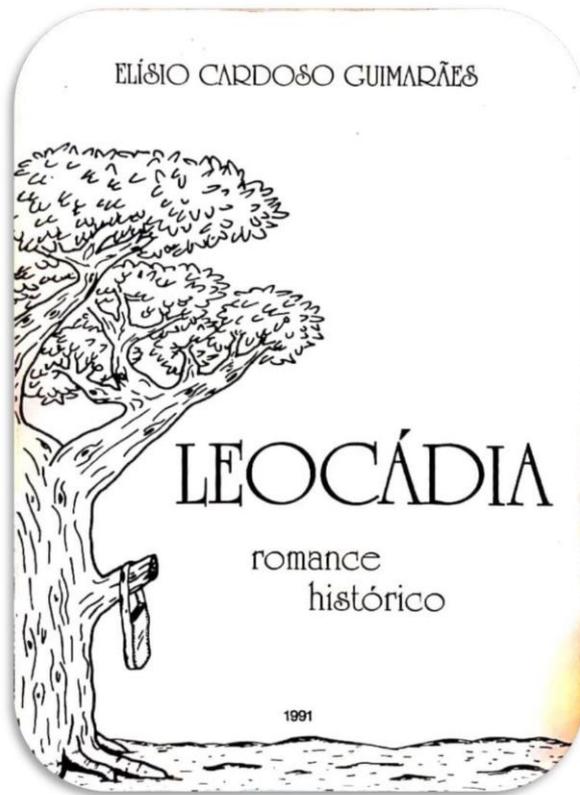
-É, minha velha boneca de pano, minha amiga e companheira de infância! As crianças de hoje estão trocando brinquedos divertidos como você por aparelhos eletrônicos. Mas, não fique triste! Não vai demorar muito para você sair dessa caixa empoeirada... Tá chegando mais alguém na família e logo poderei apresentá-la a você.

Outra coisa que eu gostava muito de fazer naquela época era sentar-me à beira de uma fogueira, à noite, ouvindo um forró pé-de-serra. Oh, saudade daquele velho tempo! Apesar de todo sofrimento, recordo-me com muito amor e alegria.

Ah! O meu nome é Jildete, tenho setenta e quatro anos de idade. Moro no Angico, um lugar simples, que recebeu esse nome devido aos grandes pés de angico existentes na região; as árvores foram cortadas, entretanto, o nome e a cultura foram preservados. Essa pequena comunidade localiza-se em Caetité, município situado no sertão baiano. Aqui é meu paraíso, meu reino encantado; onde vivo feliz, com alegria e muito agrado. Então, podes me perguntar: -“Como tens boas lembranças em meio a tanto sofrimento?” A resposta é singela, porém, franca: Esse pedacinho de chão, para mim, é um caleidoscópio que reflete minhas memórias e não permite que as sombras do cotidiano apaguem o colorido de minha existência.

(Texto baseado na entrevista com a Sr.^a Jildete Batista de Araújo - 74 anos)





Fonte: Arquivo da pesquisadora





Oficina 03

Na memória de todos nós

(02 aulas)



✚ Andamento da leitura

- Todos já finalizaram a leitura?
- Quem não concluiu, qual foi o motivo?
- A história contada na obra tem relação com os relatos das pessoas?
- Quais as opiniões sobre as leituras?

✚ Objetivos

- Analisar a relação entre a obra estudada e as histórias contadas pelos moradores da região.
- Dar continuidade ao processo de letramento.

✚ Atividades

Uma leitura puxa outra!

Nesta oficina o professor deverá fazer um trabalho de sistematização da leitura, analisando com a turma a história contada no romance *Leocádia* e ao mesmo tempo



incentivando aqueles que ainda não concluíram suas leituras. Finalizada a discussão, o professor fará a leitura da memória literária produzida pela aluna Lélia Mara Brito Moreira.

Ao término desta oficina os estudantes devem se sentir instigados a iniciarem outras leituras, por isso a importância de cada aluno descrever sua experiência de leitura, relacionando-a com os relatos orais propagados pela população. Este é também o momento para o professor apontar que a leitura possibilita conhecer outras épocas, outros espaços, outras culturas; possibilitando o prazer, além do conhecimento.

✚ Recursos utilizados

- Cópias do romance Leocádia
- Material impresso

UM LUGAR VIVENTE E UM TEMPO AUTOR

Ao fechar meus olhos eu volto no tempo. No meu tempo! Daquela minha casa simplesinha, dos nossos poucos ornamentos, sendo alguns deles: nosso fogão à lenha, panelas de barro, colheres de pau, um banco de jacarandá, alguns travesseiros de palha de bananeira, um pote de barro, um candeeiro fumacento e uma viola companheira. Morávamos em um lugar tranquilo e muito bonito, que firmava em seu chão uma diversidade de vidas... água tínhamos de fartura. Lá era nosso paraíso! Éramos pessoas realmente felizes; sentimento este que não nos incluía possuir nenhum tipo de geringonças modernas como as de hoje.

Lembro-me que todos os dias, antes do sol nascer, o cantar do sabiá nos avisava... era hora de levantar, todavia, se quiséssemos dormir um pouquinho mais, nosso pai nos ralhava, dizendo: - Dormir não põe o pão na mesa de ninguém! E, assim, nos preparávamos para mais uma rotina de trabalho. Ao entardecer, antes do sol se pôr no horizonte, eu, meu pai e meus quatro irmãos retornávamos do trabalho para casa, ansiosos pelo cheirinho de comida caseira que mamãe estava preparando; o que nos incentivava a andar mais depressa. Ao chegar em casa, depois do jantar, a família se reunia na varanda a conversar; enquanto isso, eu apanhava minha velha viola e me sentava numa calçada no fundo de nossa casa. Ao meu redor uma natureza exuberante, com aqueles sonoros cantos dos grilos e pássaros noturnos. Um delicado sereno umedecia meu chapéu. No ar o cheiro de mato verde e uma brisa refrescante acariciava meu rosto. Aquele paraíso era minha inspiração, o que me fazia tocar livremente, tendo acima



de minha cabeça um céu colorido e, sobre ele, milhares de estrelas brilhantes eram meu público e pareciam me aplaudir! Apesar daquele maravilhoso sonho real, eu precisava ir dormir; então, retirava a minha viola, mas, dentro de mim a felicidade de saber que no dia seguinte começaria tudo outra vez. Adormecíamos no silêncio daquelas noites que só era desafiado pelo canto de corujas, caburés e mães-da-lua.

Ah, na distração com minhas recordações, já ia me esquecendo: meu nome é Virgulino José, tenho noventa e três anos, sou caetiteense, morador da comunidade de Banguê – um pacato lugar localizado a cerca de oitocentos quilômetros da capital baiana. Como dizia minha velha avó: “o tempo passa num piscar de olhos” e nos dias de hoje com tanta evolução e toda essa modernidade, olhando ao meu redor chego a confundir os meus cansados olhos... parece-me que o céu já não é mais tão colorido e raramente ouço sobre o meu telhado o cantar do sabiá..., entretanto, ainda abundantes são as boas e infinitas lembranças, tanto quanto é infinito este universo que me rodeia. As mesmas lembranças que são consequência de um tempo que vem modificando a minha vida, minha terra e tudo ao nosso redor; o mesmo tempo que contribuiu na construção de minha história de vida, se fazendo presente em minhas vivências neste mesmo lugar que ainda posso chamar de meu.

(Texto baseado na entrevista com o Sr. Maurílio Rodrigues Moreira – 93 anos)



Oficina 04



Como no filme...

(03 aulas)



✚ CONVERSA SOBRE A RELAÇÃO DO FILME COM A OBRA LEOCÁDIA

- Vocês gostam de filmes?
- Vocês acham que é mais fácil entender as obras literárias que possuem adaptação para o cinema?
- Vocês concordam que além do lazer os filmes podem proporcionar aprendizado?

✚ Objetivos

- Compreender a linguagem utilizada na obra Leocádia.
- Relacionar os diferentes contextos e personagens da obra com sua releitura para o cinema.
- Perceber que o filme é uma releitura e não tem o compromisso de retratar a obra de forma fidedigna.



🚩 Atividades

Prepare a pipoca!

Após a discussão inicial acontecerá o momento para os estudantes assistirem à adaptação filmica da obra Leocádia. Por meio do filme eles poderão visualizar os espaços, trajes e linguagem do final do século XIX e fazerem comparações com a imagem mental criada a partir da leitura do livro.

🚩 Recurso utilizado

- Filme Leocádia



Fonte: Google.com





Oficina 05

Tecendo textos

(02 aulas)



✚ Sobre o ofício do escritor

- Vocês conhecem alguns escritores que nasceram ou vivem na região?
- Sabem como funciona o processo de produção de livros?
- Vocês têm alguma ideia de como acontece a criação do estilo literário e a forma de utilizar a linguagem?
- Gostariam de conhecer alguns desses escritores regionais?

✚ Objetivos

- Aproximar os estudantes dos livros de autores locais, despertando a curiosidade e o interesse pela escrita e pela leitura.
- Preparar os roteiros de perguntas que serão feitas aos escritores.
- Instruir os alunos para a entrevista.



🌈 Atividades

Vamos combinar?

No decorrer deste encontro o professor lerá a memória literária da aluna Vitória Milena Moreira Silva e a seguir apresentará aos alunos obras de escritores locais/regionais. Dando seguimento, utilizará alguma dinâmica para a divisão da turma em grupos. Com a divisão feita deve-se combinar que cada grupo ficará responsável por escrever perguntas e dúvidas que têm relação com o ofício de escritor. Ao final do trabalho o professor informará que no próximo encontro irão conhecer um ou mais escritores e que todos poderão sanar suas dúvidas na entrevista.

🌈 Recursos utilizados

- Obras literárias
- Material do aluno
- Material impresso

LEMBRANÇAS E NADA MAIS

Às vezes paro e fico a pensar no que está acontecendo no dia-a-dia e, quando as lembranças vão passando por minha mente, sinto saudade do meu passado. Lembro-me que nada era fácil como nos dias de hoje; eu comecei a trabalhar desde quando era pequena, sempre ajudei e respeitei meus pais, coisa que hoje é muito difícil de se ver. Eu não tive oportunidade de estudar, meus pais eram bem humildes, não tinham muitos bens materiais, mas nunca me faltou nada, nem a mim, nem aos meus irmãos: amor, carinho, respeito e confiança sempre estavam presentes no meio de nós. Por mais que minha infância foi difícil, trabalhosa; sinto saudade, às vezes fecho os olhos e na minha mente volta repassando toda a fita, que gravada ficou: os momentos em que eu ia para a roça colher milho para fazer do sabugo minha boneca. Minha casa tinha três quartos, uma sala pequena, uma cozinha e o banheiro; em frente à casa um lindo pé de jatobá que fazia uma sombra imensa. Eu me sentava lá para ouvir o cantar dos pássaros, respirar o ar livre sem poluição alguma, observar as lindas campinas... Éta que saudade! Hoje lugar tão grande e as belezas sendo esquecidas...

Grande saudade da minha cidadezinha, que se escondia neste tão grande sertão. Oh orgulho de ser caetiteense, terra de muita cultura, muita tradição, terra do grande educador



Anísio Teixeira e do famoso cantor Valdick Soriano. No local onde vivo atualmente não existe mais o pé de jatobá e sim um poste de luz, o ar puro está diminuindo cada vez mais, não consigo mais ouvir o cantar dos pássaros, pois a poluição sonora não deixa, não consigo mais ver as maravilhosas campinas, pois no seu lugar existem construções, calçamentos...

Hoje as coisas estão completamente diferentes, muitas coisas mudaram para melhor, outras só nos trazem mal, mas um dos meus orgulhos é ver todos os meus filhos formados, com diplomas nas mãos, coisas que não tive oportunidade. Tenho muita saudade de tudo: das pessoas, do lugar, da vida que tive, entretanto, preciso viver o presente, pois tudo o que disse agora são apenas lembranças e nada mais...

(Texto baseado na entrevista com Maria dos Santos Moreira - 70 anos).

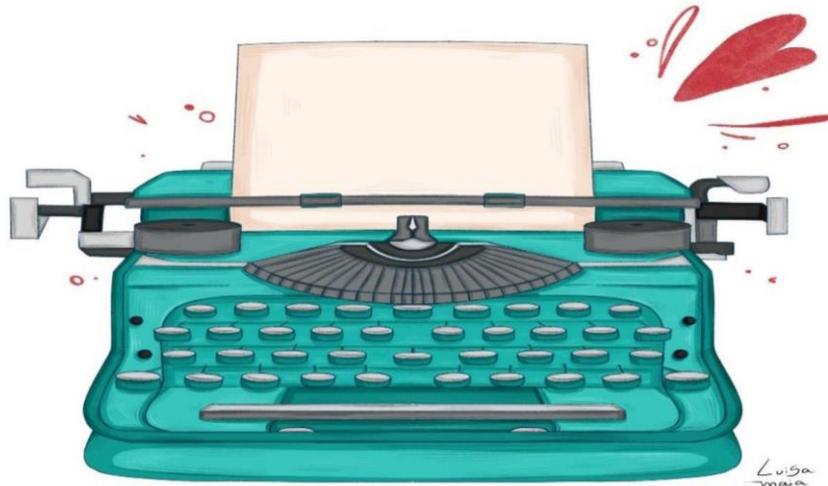




Oficina 06

E com vocês: os escritores...

(02 aulas)



✚ Entrevista com escritores regionais

- Qual a expectativa para a aula de hoje?
- Vocês concordam que termos contato com escritores é uma maneira de reconhecermos a importância dos livros e de nos aproximarmos do valioso ofício de escrever?
- Vocês acham que escrever é difícil? Por quê?
- Então, vamos conhecer nossos convidados?

✚ Objetivos

- Conhecer o processo de escrita e o ofício de escritor, a partir do relato das experiências de autores que nasceram ou vivem na região.
- Ampliar o conhecimento sobre as memórias locais.
- Perceber a importância da leitura.



🚩 Atividades

Roteiro à mão!

Vamos iniciar o encontro indagando sobre a expectativa de conhecer os escritores, assim como o que pensam sobre a produção escrita. A seguir, o professor apresentará o (s) escritor (es) convidado (s), introduzirá suas falas e iniciará o debate.

🚩 Recursos utilizados

- Obras literárias
- Material do aluno
- Data show





Oficina 07

Lugares que contam histórias...

(03 aulas)



✚ Visita aos locais onde aconteceram os fatos narrados no romance

Leocádia

- Quais de vocês já conheceram os locais apresentados no romance Leocádia?
- Vocês acham que é interessante conhecermos o túmulo de Leocádia - local de peregrinação religiosa - e conversarmos com as pessoas que vivem na região?
- Conhecer os espaços narrados em romances históricos ajuda no entendimento?

✚ Objetivos

- Conhecer locais onde a história se passou, a fim de experienciar a narrativa.
- Coletar mais informações sobre a história lenda de Leocádia.

✚ Atividades

Uma viagem de leitura!

O professor deverá iniciar este encontro perguntando aos estudantes sobre a expectativa em relação à visita aos locais onde possivelmente aconteceram os fatos narrados no romance Leocádia, como também reforçar todas as recomendações constantes na autorização que foi encaminhada aos pais ou responsáveis pelos estudantes. Para este momento não serão



elaboradas questões para entrevistas. A conversa com as pessoas que vivem na região (caso ocorra) será bastante informal.

✚ Recursos utilizados

- Micro-ônibus
- Material do aluno

✚ Locais a serem visitados:

- Túmulo de Leocádia



Fonte: Página do José Carlos Latinha I no Facebook.

- Lajedo de Leocádia (onde o corpo foi encontrado)



Fonte: Página do José Carlos Latinha I no Facebook.



- Toca dos Índios (onde foi encontrado o corpo de Marcolino, um dos matadores de Leocádia)



Fonte: Página do José Carlos Latinha I no Facebook.



Oficina 08



Uma caixa mágica

(02 aulas)



✚ Apresentação do Baú Literário

- O que vocês acham que há neste baú?
- É algo muito valioso. Vamos tentar descobrir?

✚ Objetivos

- Dar continuidade ao processo de letramento.
- Escolher obra para leitura.
- Aprender a elaborar critérios a partir da análise do livro.
- Ser capaz de argumentar e de formular um julgamento de gosto.
- Escolher e eleger com conhecimento de causa.

✚ Atividades

Alguns livros, muitas histórias!

Nesta oficina o professor deve começar fazendo a leitura do texto do aluno Renato Rodrigues Cândido. Após a leitura, organizar a sala em círculo e indagar aos alunos sobre o conteúdo do baú. Após os palpites, o baú será aberto, os alunos vão manusear os livros e cada aluno escolherá o livro que deseja ler. Em seguida, os estudantes vão dizer para os colegas o porquê de terem escolhido determinadas obras. A seguir o professor pedirá que, no decorrer da



leitura, eles anotem algo que julguem importante, como uma imagem, uma palavra, um ruído, um odor, uma cor, uma emoção... qualquer coisa relacionada com a leitura. Logo após dar-se à início à leitura.



✚ Recursos utilizados

- Livros diversos
- Material impresso

HISTÓRIAS QUE FICARAM PARA TRÁS

Ao sentar nessa cadeira eu me lembro do meu passado, quando as águas eram limpas e cristalinas, a terra era virgem e os ruídos que se ouviam eram só os cantos dos pássaros e o som dos pingos de chuva batendo no telhado, que era de palha.

No meu tempo não tinha energia, nem nada, só tinha um radinho a pilha, que chiava mais do que falava. À noite, eu, meus irmãos, meu pai e minha mãe fazíamos uma fogueira no meio da casa e sentávamos todos em volta para contar casos. Nós falávamos muito e dávamos muitas gargalhadas. Era tão bom e quentinho ficar ali em volta da fogueira, só sentindo o cheiro da comida que estava sendo preparada no fogão à lenha...

Teve um tempo muito difícil que foi uma seca prolongada; na roça não deu nada, nem se quer um grão de milho para ser aproveitado. O meu pai teve que ir para São Paulo para tentar conseguir dinheiro para a nossa vida melhorar. Minha mãe ficou comigo e com meus cinco irmãos. Como eu já havia dito, por causa da seca prolongada não vingou nada. Então, minha mãe arranjou um jeito de sustentar a mim e meus irmãos, porque meu pai ainda não havia



chegado. Ela ia catar mamona na casa de um vizinho. Eu e meus irmãos ajudávamos e também fazíamos panelas de barro, moringas e potes para vender em São Timóteo. Íamos a pé com os objetos de barro na cabeça. Era muito ruim, porque além de ser pesado, a caminhada era longa.

Aprendi a fazer objetos de barro com minhas tias. Era bom sentir o barro macio grudando em minhas mãos e ganhando formas e contornos.

Nesse tempo eu e minhas irmãs brincávamos bastante com bonecas de sabugo de milho, pois naquela época não existiam bonecas de plástico. Algumas pessoas sabiam fazer bonecas de pano... eu era doida para ter uma!

Nós morávamos em uma casinha de enchimento, coberta de palha, pois antigamente quem tinha casa de adobe eram os mais ricos. Mas mesmo assim, com tanta dificuldade, eu era feliz, pois todo mundo era unido, só tinha paz e sossego, não havia briga nem nada de ruim. Ah, tem uma coisa que me esqueci de falar, foi de me apresentar: meu nome é Maria Cândida, moro no povoado de Pau Ferro do Juazeiro, município de Caetité, no sudoeste baiano. E com muita felicidade recordei do meu passado.

(Texto baseado na entrevista com a Sr^a Maria Cândida das Neves - 74 anos)





Oficina 09

Livro a livro

(02 aulas)



✚ Sobre o andamento da leitura

- O que vocês podem me dizer sobre os livros que escolheram?
- O livro fala sobre o quê?
- A história que estão lendo tem relação com algo conhecido ou vivenciado?
- Vamos levantar hipóteses? Por que vocês acham que os autores escolheram os títulos?
- Vocês estão sentindo dificuldade para compreender a história?
- Do que vocês já leram o que gostariam de comentar com os colegas?
- O que vocês acham de começarmos a fazer anotações durante a leitura? Que tal criarmos diários de leitura?

✚ Objetivos

- Dar continuidade ao processo de letramento.
- Acompanhar e sistematizar o processo de leitura.



✚ Atividades

Início, meio e ...

Nas aulas deste dia os alunos poderão falar sobre as obras que escolheram, emitindo suas opiniões e fazendo relação com outras histórias ou assuntos. Também poderão dizer se estão encontrando alguma dificuldade na leitura e o que gostariam de comentar com os colegas. Este é também o momento para o professor propor a sistematização da leitura, dizendo que as observações relatadas poderiam estar registradas e propondo a criação do “Diário de Leitura”. O professor ainda deverá incentivar aqueles estudantes que ainda não concluíram suas leituras. Ao final desse processo será lida a memória literária da aluna Gislane Batista Silva.

✚ Recursos utilizados

- Livros diversos
- Dicionários da Língua Portuguesa
- Material impresso

COISAS QUE MORREM COM A GENTE

Era verão, a estação do ano que eu mais gostava. Eu estava feliz, pois chegara a hora mais esperada; íamos plantar. Plantávamos muitos tipos de grãos, depois disso era só esperar para ver brotar e para colher. Eu morava em Mucambo de Juazeiro, que fica localizado a exatamente 52 quilômetros de Caetité - cidade do sertão baiano onde nasceu uma pessoa muito importante para a educação: Anísio Teixeira -. Eu vivia com meus avós em uma grande casa feita de enchimento. Adorava acordar bem cedinho para ver o sol nascer, pois quando ele me tocava, me era proporcionada uma sensação de prazer inexplicável que enchia de alegria meu ser.

Aos domingos, geralmente os parentes nos visitavam e as crianças brincavam muito enquanto os adultos conversavam. Apesar dos brinquedos serem poucos e feitos manualmente, nós nos divertíamos muito, no entanto, o que queríamos mesmo era que chegasse a hora do almoço, pois de longe já sentíamos o cheirinho do tempero da minha avó, que por sinal era magnífico e ia nos puxando para a cozinha. Passado o almoço, quando já estava de tardezinha, todos se juntavam – adultos e crianças -; iam em direção à cachoeira. Chegando lá a maioria entrava na água, mas recebia diversas reclamações. Minha mãe nos advertia: - Não se



aproximem de lugares fundos, pois é muito perigoso. Éramos muito obedientes, ficávamos atentos e tomávamos cuidado. Aquela água refrescante nos acariciava e todos nós adorávamos tê-la escorrendo em nossos rostos.

Nas noites nubladas eu não via graça, pois o que eu gostava mesmo era de ficar debruçada sobre a janela, eu de cá e a estrela de lá, ela me olhava, vinha ao meu encontro, e eu também! Era tudo que eu queria: uma estrela só pra mim. Eu morava em um lugar pacato, onde as águas eram limpas, o ar puro, as árvores floridas e frondosas. Eu via a beleza em tudo – lá era tão bom! ...

Meu nome é Eurides, atualmente tenho três filhos, sou casada e continuo morando no mesmo lugar, que infelizmente não é mais como antes; ainda assim estou muito ligada a esta terra. Essa foi um pouco da minha história, pois não posso contar tudo, mas o resto dela está guardado em um lugar muito seguro: a minha memória. As lembranças que tenho são abundantes e irão permanecer comigo até a morte.

(Texto baseado na entrevista com a Sr^a Irene Batista Silva - 45 anos).

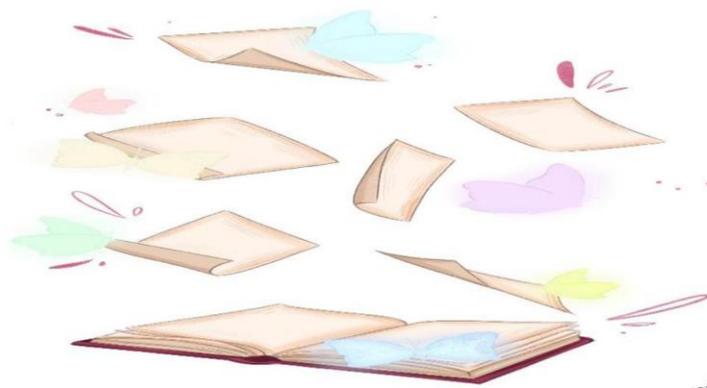




Oficina 10

Memórias de livros

(02 aulas)



Encerramento do projeto: O conhecimento da história local como Recurso para o Letramento Literário: Leocádia – história de uma menina, retrato de uma época.

- Todos concluíram a leitura?
- Então, vocês agora poderão dizer para que perfil de leitor aconselham a leitura do livro que leram, concluindo esta frase: Eu aconselho este livro para... Ou: Eu não aconselho este livro para...
- E quanto ao projeto, o que vocês acharam?
- O que aprenderam durante as oficinas?
- Na opinião de vocês, a leitura é importante?
- O que acharam das leituras realizadas durante o projeto?
- O projeto contribuiu para a aprendizagem da turma?
- Vocês acham que iniciar a leitura com obras de escritores regionais, conhecendo as memórias e histórias mais próximas é um facilitador para incentivar a leitura?

✚ Objetivos

- Aprender a elaborar critérios a partir da análise de um livro.
- Avaliar a contribuição do projeto para o incentivo à leitura.



🚩 Atividades

... Fim!

Esta oficina tem um papel importantíssimo: nela o professor obterá um retorno sobre as leituras, fará a avaliação do trabalho, aplicará novamente o “quiz” para verificar o perfil leitor e ainda deverá incentivar a continuação do processo de leitura. Esse incentivo será por meio da entrega do Baú Literário a um representante da turma. Com isso espera-se que essa comunidade de leitores cresça cada dia mais. O professor deverá ainda estimular a continuidade do Diário de Leitura.

🚩 Recursos utilizados

- Baú com livros para serem doados à biblioteca da escola
- Material impresso



Atividade de Intervenção Pedagógica para coleta de dados do projeto de pesquisa “ O conhecimento da história local como Recurso para o Letramento Literário: LEOCÁDIA - história de uma menina, retrato de uma época”.

Aluno(a): _____

Série _____ Turma: _____

QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO

1. Você gostou de ter participado do Projeto “**O conhecimento da história local como Recurso para o Letramento Literário: Leocádia... história de uma menina, retrato de uma época**”? Por quê?

2. Conte resumidamente o que você aprendeu nesse projeto.

3. Na sua opinião, por que a leitura é importante?

4. Você gostou das leituras realizadas durante o projeto? Explique.

5. O projeto contribuiu para sua aprendizagem? Comente.

6. Você acha que conhecendo as memórias e histórias da região em que vive facilita e contribui para adquirir o hábito da leitura? Justifique.

“O homem que não lê bons livros não tem nenhuma vantagem sobre o homem que não sabe ler.”

Mark Twain





- ASSIS, Machado. **Dom Casmurro**. São Paulo: Editora Ática, 1998.
- BOJUNGA, **Os Colegas**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.
- CANDIDO, Antonio (2012). **A literatura e a formação do homem**. *Remate De Males*.
<https://doi.org/10.20396/remate.v0i0.8635992>.
- CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura**. In: _____. *Vários Escritos*. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul/ São Paulo: Duas Cidades, 2011.
- CARRASCO, Walcyr. **Estrelas Tortas**. São Paulo: Moderna, 2011.
- COMPAGNON, Antoine. **O Demônio da teoria: literatura e senso comum**. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: UFMG, 1999. (Humanitas).
- COMPAGNON, Antoine. **Literatura para quê?** Belo Horizonte: UFMG, 2009.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2007.
- ELCINO, Juarez. **Trapos e Farrapos**. Guanambi: Gráfica Giordani, 1997.
- GOMES, Benedito Teixeira. **Alfaiates, Paixão e Idealismo**. Guanambi: Gráfica Papel Bom, 2009.
- GOMES, Benedito Teixeira. **Sertão de Dentro**. São Paulo: IDE Editora, 2010.
- GUIMARÃES, Elias Cardoso. **Leocádia**. Rio de Janeiro: Companhia Brasileira de Artes Gráficas, 1991.
- LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 1993.



LAJOLO, Marisa. **O texto não é pretexto. Será que não é mesmo?** In: ZILBERMAN, Regina; ROSING, Tania (Org.). *Escola e leitura: velha crise, novas alternativas*. São Paulo: Global, 2009. p. 99-112.

KUPSTAS, Márcia. **Crescer é perigoso**. São Paulo: Moderna, 2012.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Trad. Bernardo Leitão et al. Campinas: UNICAMP, 1990.

LOBATO, Monteiro. **Fábulas**. Cotia: Pé de Letra Editora, 2018.

LUKÁCS, György. **O romance histórico**. Trad. Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2011.

NICOLELIS, Giselda Laporta. **Sempre haverá um amanhã**. São Paulo: Moderna, 2011.

NICOLELIS, Giselda Laporta. **Ponte Sobre o Abismo**. São Paulo: Quinteto Editorial, 2003.

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**. 2ª ed. Tradução Celina Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2009.

PORTER, Eleanor H. **Poliana Cresceu**. São Paulo: Lafonte, 2018.

PYLE, Howard. **As Aventuras de Robin Hood**. Cotia: Pé de Letra Editora, 2019.

QUEIRÓS, Eça de. **O Primo Basílio**. São Paulo: Ática, 1993.

REUTER, Yves. **Introdução à Análise do Romance**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

RICOEUR, Paul. **A Memória, a História, o Esquecimento**. Campinas: Editora de Campinas, 2007.

ROUXEL, Annie; LANGLADE, Gérard & REZENDE, Neide Luzia (org) **Leitura subjetiva e ensino de literatura**. São Paulo: Alameda, 2013.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine. **O pequeno príncipe**. São Paulo: Pé de Letra Editora, 2016.

Se bem me lembro...: caderno do professor: orientação para produção de textos/[equipe de produção Regina Andrade Clara, Anna Helena Altenfelder, Neide Almeida]. São Paulo: Cenpec (Coleção da Olimpíada).



SHELLEY, Mary. **Frankenstein**. Tradução: Everton Raph. Rio de Janeiro: Editora Ediouro, 1998.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 3ª Edição, 2002.

XYPAS, Rosiane Maria Soares da Silva. **Para uma didática da implicação em leitura de textos literários: a função das marcas da subjetividade do leitor**. Revista Entreletras. Tocantins, v.9, n 2, p. 164-179, set. 2018.

ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro da (Org.). **Literatura e pedagogia: ponto & contraponto**. 2. ed. São Paulo: Global, 2008.



